PEDRO HENRIQUE QUISTE

A LIGA DAS CELEBRIDADES:

AS TRANSFORMAÇÕES DOS JOGADORES E DOS JORNALISTAS NA NBA

A LIGA DAS CELEBRIDADES:

AS TRANSFORMAÇÕES DOS JOGADORES E DOS JORNALISTAS NA NBA

PEDRO HENRIQUE QUISTE

2021

Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Escola de Comunicação Social - Curso de Jornalismo
Direção: Profa. Ma. Sabrina Moreira de Morais Oliveira
Coordenador: Prof. Me. Antônio Carlos Borges Cunha

A LIGA DAS CELEBRIDADES:

AS TRANSFORMAÇÕES DOS JOGADORES E DOS JORNALISTAS NA NBA

orientador: Prof°Dr°. Rogério Borges

texto: Pedro Henrique Quiste

projeto gráfico e capa:
Ana Amélia Ribeiro

QUISTE, Pedro Henrique. **A Liga das Celebridades:** As transformações dos jogadores e dos jornalistas na NBA. Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2021.

84 páginas 14,8cm x 21cm

[2021]

DEDICO ESTE LIVRO PARA TODOS OS FÃS DE BASQUETE QUE VIVEM, DIARIAMENTE, A PAIXÃO PELA NBA.

AGRADEÇO AOS MEUS PAIS E À MINHA IRMÃ, QUE ME APOIARAM NA MINHA ESCOLHA PELO CURSO DE JORNALISMO.

AGRADEÇO AOS MEUS AMIGOS QUE, DIRETA OU INDIRETAMENTE, AUMENTAM A CADA ANO MINHA PAIXÃO PELA NBA DESDE QUE COMECEI A ACOMPANHAR A LIGA.

FINALMENTE, AGRADEÇO TAMBÉM AO ORIENTADOR DO MEU TRABALHO, ROGÉRIO BORGES.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

PARTE 1 - QUASE FRACASSO A SUCESSO EXEMPLAR: COMO A NBA SAIU DO ESQUECIMENTO NORTE-AMERICANO PARA A GLÓRIA MUNDIAL 14

All-Star Game de 1964

ABA: liga adversária no começo, base para o futuro

David Stern e a liga dos jogadores

A era moderna

PARTE 2 - UMA REVOLUÇÃO: COMO O JORNALISMO QUE COBRE A NBA FOI COMPLETAMENTE TRANSFORMADO NAS ÚLTIMAS DÉCADAS 48

Como era cobrir a NBA antes das redes sociais?

O presente da relação imprensa-NBA

Uma novidade: criação de conteúdo

CONCLUSÃO 82

Mudanças radicais que vieram para ficar

INTRODUÇÃO

Tudo no mundo dos esportes mudou severamente nas últimas décadas. Não importa qual atividade você cite, ela provavelmente sofreu alguma transformação significativa, dentro ou fora do campo de disputa. O avanço de tecnologias possibilitou o aumento de desempenhos de atletas, jogadores internacionais são cada vez mais comuns em ligas nacionais e elevam o nível delas, profissionais ganharam plataformas públicas para se pronunciar, jornalistas têm cada vez mais fama, os esportes são cada vez mais globalizados... É inegável, muito mudou nas últimas décadas.

Neste livro-reportagem, realizado como trabalho de conclusão do curso de jornalismo na PUC Goiás, o foco é abordar essas transformações sob duas óticas que, querendo ou não, são interligadas: o processo que transformou a NBA (National Basketball Association), dos Estados Unidos, na principal liga de basquete do mundo, e as mudanças do jornalismo que cobre a competição à medida que ela e a área do jornalismo evoluíam. Com entrevistas exclusivas, pesquisas em reportagens antigas, arquivos de vídeo e outros recursos, foi possível reconstruir os principais pontos dessas trajetórias. O trabalho também integra um projeto de pesquisa, desenvolvido na PUC Goiás, que trata de mudanças estruturais das práticas jornalísticas, diante dos impactos causados pelas novas tecnologias nas rotinas de apuração, elaboração e difusão de conteúdos informacionais.

A parte 1 do trabalho detalha como a NBA tornou-se um sucesso global, saindo da sombra dos outros esportes estadunidenses. Se há algumas décadas o alcance local da liga ainda era mínimo e o conhecimento global sobre ela era limitado a nichos fanáticos, hoje, mais que nunca, o campeonato é atração fundamental para muitos fãs de esportes. E a organização é extremamente competente em fazer a frase "mais que um jogo" não ser apenas um clichê: a imagem dos jogadores tem sido construída na formação de ídolos políticos, estilísticos e em outros aspectos fora das quadras que alcançam gerações em várias partes do planeta.

Histórias não tão conhecidas pelos torcedores são abordadas aqui, como o All-Star Game de 1964 e a ação judicial que a lenda Oscar Robertson moveu contra a NBA e sua competição rival. As citações de jogadores clássicos podem despertar boas lembranças aos leitores mais velhos e introduzir ídolos geracionais para leitores mais jovens. Independentemente de sua faixa etária e conhecimento da liga, é sempre interessante conhecer mais sobre aqueles que tiveram papeis fundamentais no crescimento dela.

À medida que a organização foi evoluindo, outras áreas também foram mudando, sendo influenciadas de forma direta e indireta. A principal delas, e que nem sempre é abordada com a profundidade necessária para entender todas as nuances, é o jornalismo esportivo. É sobre esse tema que a parte 2 trata, buscando entender como era o trabalho dos repórteres

antes de a televisão dominar as coberturas de basquete até o nível atual, com as redes sociais, sobretudo o Twitter, sendo fundamentais para os profissionais da área.

Um dos principais objetivos deste livro é trazer mais sobre os bastidores do jornalismo esportivo para fãs de basquete, e entrevistas com alguns dos nomes mais famosos (no passado e no presente), como Bob Ryan, Sam Smith e Royce Young, permitem ao leitor entender com mais detalhes as discussões internas nos veículos sobre temas importantíssimos da prática noticiosa.

Esta obra não é apenas um trabalho de conclusão de curso, mas o resultado da fusão do amor pelo basquete com o interesse pelo trabalho jornalístico de repórteres que cobrem a NBA – assim como acompanho o jogo há anos e é inegável quão espetacular ele é, providenciando alguns dos melhores momentos da minha vida como fã de esportes, também observo o trabalho de nomes como Adrian Wojnarowski e Shams Charania há um bom tempo, sempre achando incrível o diferencial do Twitter em relação aos outros meios de informação. Existem tantos pontos entrelaçados que podem e precisam ser abordados numa discussão sobre o basquete e o jornalismo esportivo nas redes sociais que, acima de tudo, este livro trata sobre temas simplesmente fascinantes para quem se interessa por eles.

PARTE 1

QUASE FRACASSO A SUCESSO EXEMPLAR: COMO A NBA SAIU DO ESQUECIMENTO NORTE-AMERICANO PARA A GLÓRIA MUNDIAL

ALL-STAR GAME DE 1964

Talvez o primeiro grande evento do processo que construiu o fenômeno NBA tenha sido o Jogo das Estrelas de 1964. A liga ainda era bastante jovem, tentando se expandir às custas de seus atletas com cada vez mais talento, mas as condições em que eles eram tratados ainda eram miseráveis: voos comerciais apertados, muitas partidas durante as pré-temporadas e temporadas regulares e quase nenhuma segurança financeira para os jogadores. E eles sabiam que a única solução seria lutar unidos por mais direitos.

Desde que a National Basketball Players Association (NBPA) foi criada, em 1954, poucos avanços para melhorar as condições dos jogadores foram alcançados. Apesar de diversos acordos prévios realizados entre as lideranças sindicais e os executivos da liga, foi comum observar pedidos de melhorias (aumento de salários ou pagamentos por viagens) sendo reprovados logo de cara ou aceitos e, em seguida, reprovados pelo Conselho de Governadores.

As primeiras grandes vitórias dos jogadores aconteceram em 1957, quando a NBPA se uniu à AFL-CIO, na época o maior sindicato de trabalhadores do país. Com uma força tão grande para apoiar os pedidos dos atletas, a liga finalmente cedeu em alguns requisitos: menos amistosos de pré-temporada, gastos de comida e viagens pagos pelos donos dos times e maior acesso aos executivos da NBA.

Apesar desse avanço, essa foi a única mudança significativa na condição dos jogadores em quase uma década. Um sentimento de insatisfação voltava a crescer entre os atletas e, finalmente, a situação voltou a explodir em janeiro de 1964, numa noite de extrema importância para a NBA: o All-Star Game. Obviamente, a insegurança de carreira e condições ruins foram os motivos cumulativos para o protesto que se seguiu, mas houve um outro fator essencial para a explosão do conflito na data do evento: J. Walter Kennedy, presidente da liga – hoje, cargo chamado de comissário –

J. WALTER KENNEDY (1912-1977):

SEGUNDO COMISSÁRIO DA HISTÓRIA, CARGO MÁXIMO DA NBA. ELE PRESIDIU A LIGA ENTRE 1963 E 1975 E FICOU CONHECIDO POR SER MUITO INCISIVO E "MÃO DE FERRO", O QUE DEFINITIVAMENTE AJUDOU NO PROCESSO DE EXPANSÃO DA LIGA. HOJE, EXISTE O PRÊMIO J. WALTER KENNEDY CITIZENSHIP AWARD, QUE HOMENAGEIA JOGADORES QUE TRABALHAM POR SUAS COMUNIDADES. ELE FALECEU DOIS ANOS APÓS SUA APOSENTADORIA.

havia sido eleito no ano anterior, e, na pré-temporada entre 1962-63 e 1963-64, combinou com os donos das franquias e a associação de jogadores que faria uma reunião para discutir o fundo de pensão dos jogadores. A reunião nunca chegou a acontecer.

Com a metade da temporada já se aproximando, a oportunidade de um protesto começou a ser veiculada nos círculos de atletas. A emissora de TV ABC havia acabado de fechar um acordo com a NBA para transmitir partidas em rede nacional e uma dessas seria o All-Star Game daquela temporada, que passaria na televisão ao vivo pela primeira vez na história da liga. As tensões estavam notoriamente crescentes ao redor da organização e, aparentemente, os jogadores tinham total consciência do potencial persuasivo daquela data. Em sua autobiografia, Hang Time: My Life in Basketball, Elgin Baylor conta que viajou dois dias antes do jogo e o potencial boicote já era tema principal das conversas:

ELGIN BAYLOR
(1934-2021):

UM DOS MAIORES JOGADORES DA HISTÓRIA DO LAKERS, PASSOU SUA CARREIRA INTEIRA NA FRANQUIA – DESDE MINNEAPOLIS ATÉ A TRANSFERÊNCIA PRA LOS ANGELES – , SENDO 11 VEZES ALL-STAR E CONSAGRADO NO HALL DA FAMA DO BASQUETE. PARA SE ENTENDER O TAMANHO DE BAYLOR NA HISTÓRIA DA FRANQUIA, O DONO DA ÉPOCA, BOB SHORTS, AFIRMOU QUE, SE ELE NÃO TIVESSE ACEITADO ASSINAR PELOS LAKERS EM 1958, A ORGANIZAÇÃO TERIA FALIDO.

TOM HEINSOHN
(1934-2020):

SEGUNDO PRESIDENTE DA HISTÓRIA DA NBPA, ASSUMINDO O LUGAR DE BOB COUSY EM 1958 APÓS A LIGA ACEITAR OS PRIMEIROS GRANDES PEDIDOS DA ASSOCIAÇÃO DE JOGADORES. CAMPEÃO DA NBA OITO VEZES PELO BOSTON CELTICS, MESMO NÃO SENDO O GRANDE DESTAQUE DOS ELENCOS, É UMA LENDA DA EQUIPE E FOI FUNDAMENTAL NO PROTESTO DE 1964 COMO ORGANIZADOR DO BOICOTE.

"No voo, nós falamos sobre o que espera por nós - não é o All-Star Game de sempre. Esperamos uma batalha além do jogo. Os donos continuam a recusar nossos pedidos por um plano de pensão e condições de trabalho melhores, além de se esquivarem de Tommy Heinsohn [presidente da NBPA na época] sempre que ele pede por uma reunião. A ABC havia comprado recentemente um pacote de dezessete jogos da NBA televisionados nacionalmente, começando com o All-Star Game, e Tommy quer agir.

'É o melhor momento para um boicote', Tommy diz.

'Desde que todos concordem', eu digo.

Jerry [West] e eu apoiamos o boicote. A verdade é que a maioria de nós não iríamos ficar ricos jogando na NBA. Todos os jogadores que eu conhecia tinha um segundo trabalho no verão. O que estamos pedindo - o que estamos exigindo - representa um primeiro, um pequeno passo. Um passo necessário."[1]

Na manhã de 14 de janeiro, quando aconteceria a partida, uma reunião de urgência entre Kennedy e alguns poucos jogadores tentou resolver a questão, com todas as partes aceitando um plano de pensão que seria estabelecido até maio. À tarde, os donos das franquias se reuniram para discutir a medida assinada e, depois, o advogado dos atletas encontrou-se com Kennedy pedindo uma reunião entre donos e atletas para que fosse assegurado que as medidas seriam implementadas. Unanimemente, os executivos se recusaram a fazer um novo encontro, o que levantou dúvidas e desagradou os atletas. Assim, começou-se a formalização do protesto. Como Elgin Baylor disse ao assinar a petição por um boicote: "Estamos boicotando nosso primeiro jogo na televisão. Isso é ou brilhante ou suicídio".

Dos 20 atletas selecionados para o jogo, 11 apoiaram o boicote e nove se mostraram contra. Assim, a pressão nos vestiários sobre a liga foi oficializada, e a represália dos donos também veio de forma intensa. Walter Brown, dono dos Celtics, afirma que o boicote faria a ABC revogar o contrato ao afirmar que "vocês matarão o basquete". Bob Short, dono dos Lakers, onde Baylor jogava, berrou "se Elgin Baylor não aparecer aqui agora rápido, estamos acabados", no qual o jogador respondeu com um

1. BAYLOR, Elgin. Hang time: my life in basketball. Houghton Mifflin Harcourt, 2018, p. 94.

"vá se foder". Tais ameaças foram confirmadas, apesar de sem os detalhes das ofensas trocadas, por diversos jornais que cobriram a confusão.

Pouco mais de meia hora antes do horário marcado para a partida, Kennedy, o presidente da liga, apareceu nos vestiários e teve uma longa conversa com os jogadores. Ele explicou que era impossível se comunicar com todos os donos de forma rápida, mas que faria todo o possível para que o plano de pensão fosse aprovado. No final, pediu para que os atletas entrassem em quadra por boa fé, retirou-se e os deixou votando para decidir se o jogo aconteceria.

Faltando cinco minutos, os jogadores avisaram Kennedy que disputariam a partida após a maioria dos atletas apoiarem o fim do boicote. O número de votos a favor do jogo não foi divulgado oficialmente: Elgin Baylor afirma que 18 dos 20 votaram a favor, enquanto o The Boston Globe reportou no dia seguinte que haviam sido 13 votos[2] , cinco a menos. Eles haviam conseguido exercer influência sobre a liga, sobre os donos e ganhado direitos próprios. Assim, entraram em quadra com 17 minutos de atraso na frente de 13,464 fãs, quase o triplo da média de público daquela temporada, e, em rede nacional, fizeram história.

Os ânimos não estavam totalmente calmos após o jogo, porque, independentemente de a promessa ter sido feita aos jogadores, eles não tinham total confiança de que o fundo de pensão seria aprovado. Rumores na liga veiculados por grandes jornais afirmavam que, se fosse necessário, os atletas estavam prontos para realizar outro boicote, além de ameaças de não renovarem seus contratos com as franquias – vindas principalmente de Oscar Robertson, o MVP da partida e que, posteriormente, seria protagonista em uma ação contra a liga.

"Não se joga uma partida sob tanta tensão. Claro, é legal vencer e tudo mais, mas o que eu ganhei lá? Um relógio de pulso. É por isso que deveria fazer ficar feliz? Prefiro ter segurança. Toda essa viagem foi uma bagunça", disparou. O presidente da associação de jogadores, Tom Heinsohn, não quis se pronunciar à imprensa: "Só quero falar algo: antes da partida, o consenso dos atletas concordou com o fundo de pensão discutido"[3] .

A proposta acabou sendo aprovada pela liga pouco mais de quatro meses após o boicote, em maio de 1964. Assim, haveria uma doação de U$ 2 mil anuais para cada jogador por 30 anos, enquanto os custos seriam arcados pelos próprios atletas e times[4]. Dessa forma, um grande capítulo da história da liga foi finalizado – sendo uma das primeiras vezes que as personalidades das ligas se tornaram maiores que a associação em si.

2. The Boston Globe, 15 de janeiro de 1964. Disponível aqui.

3. The Boston Globe, 15 de janeiro de 1964. Disponível aqui.

4. The Evening Sun, 26 de maio de 1964. Disponível aqui

Em seu livro The Book of Basketball, Bill Simmons tece alguns comentários precisos sobre o evento: "Como essa noite nunca virou um documentário vencedor do Emmy pela HBO Sports continua sendo um dos maiores mistérios da vida. Boston estava batalhando contra uma nevasca naquela noite. Todos os jogadores dos Celtics relevantes (atuais ou aposentados) no prédio, incluindo o time de 1946-47 inteiro [...]. Uma partida de All-Star com cinco dos maiores jogadores da história (Wilt [Chamberlain], [Bill] Russell, [Jerry] West, Oscar [Robertson] e [Elgin] Baylor) em seus auges [...]. O primeiro exemplo na história dos esportes americanos em que estrelas profissionais arriscavam suas carreiras e salários por um bem maior." Uma noite histórica.

Como complemento, apesar de um problema ter sido resolvido, o The New York Times também descreveu a situação muito bem: "esse é o maior racha entre jogadores e donos que tivemos até agora. Ele acontece num tempo em que pouco diálogo sobre o tema havia sido feito. Evidentemente, a luta está apenas começando"[5] .

ABA: LIGA ADVERSÁRIA NO COMEÇO, BASE PARA O FUTURO

Um novo desafio surgiu em 1967, quando foi criada a American Basketball Association (ABA), uma liga de basquete que seria rival da NBA na busca por audiência e talento. Suas características e bases de fundação eram contrastantes, e talvez isso explique muito do relativo sucesso que a liga obteve em pouco tempo. Mas, além de tudo, a ABA foi uma base para a nova e reformada NBA, dando mais um passo em direção à criação de personalidades.

A nova liga se tornou uma concorrente fazendo movimentos contrários aos existentes na época: experimentação e apelo pelo diferente. Bolas coloridas e não laranjas, a implementação da linha de três pontos uma década antes da NBA, eventos entre as principais estrelas da liga ao melhor estilo All-Star Weekend: a ABA pode até não ter sido a primeira organização a implementar tais mudanças no jogo, mas sem dúvidas foi a responsável por popularizá-las nos EUA.

É complicado definir quanto sucesso mensurável a organização alternativa teve comparada com a tradicional, já que há poucas informações sobre a audiência da época e transmissões ao vivo eram escassas até para a liga principal. Uma das melhores fontes atuais é a Association for Professional

5. The New York Times, 15 de janeiro de 1964. Disponível aqui

Basketball Research[6] , que reúne dados de público em praticamente todas as temporadas do basquete americano, permitindo uma comparação direta.

NBA			ABA		
TEMPORADA	PÚBLICO	AUMENTO	TEMPORADA	PÚBLICO	AUMENTO
1967–68	6,749	+1,8%	1967–68	2,804	-
1968–69	6,484	-3,9%	1968–69	2,981	+6,3%
1969–70	7,563	+16,6	1969–70	3,948	+32,4%
1970–71	7,648	+1,1%	1970–71	4,924	+24,7%

No quarto ano do campeonato, a ABA já apresentava mais da metade do público médio da NBA, mostrando como a liga alternativa parecia ter ganhado espaço entre os fãs de basquete. O aumento crescente, temporada após temporada, superava em muito o crescimento de sua concorrente mais tradicional, chegando a crescer quase o dobro na temporada 1969-70. Isso, obviamente, representaria um problema para os donos das franquias mais caras, na NBA.

JULIUS ERVING (1950-):
UM DOS MELHORES ALAS DA HISTÓRIA DO BASQUETE NORTE-AMERICANO. NA ABA, ERVING FOI CAMPEÃO DUAS VEZES, GANHOU DOIS PRÊMIOS DE MVP E FOI ELEITO ALL-STAR CINCO VEZES. NA NBA, FOI CAMPEÃO UMA VEZ, GANHOU UM PRÊMIO DE MVP E FOI 11 VEZES ALL-STAR. EM 2006, FOI INTRODUZIDO AO HALL DA FAMA DO BASQUETE.

É interessante notar, além disso, que o talento passou a ser diluído, por assim dizer, já que a ABA apresentou nomes relevantes – alguns até introduzidos no Hall da Fama do basquete atualmente. Julius Erving, Spencer Haywood, Mel Daniels e Charlie Scott, por exemplo, foram atletas populares e que lideraram a liga em estatísticas como pontos e rebotes, enquanto o lendário Moses Malone jogou suas primeiras temporadas lá.

O caso de Rick Barry talvez seja o mais notável. Em 1966-1967, como segundanista na NBA, ele teve uma média incrível de 35.6 pontos por jogo e tinha tudo para se tornar um dos grandes nomes da organização já naquele período. No entanto, na pré-temporada, assinou com o Oakland Oaks da

6. Association for Professional Basketball Research. Disponível aqui

ABA por valores irrecusáveis: US$ 500 mil por três anos, 15% de cotas da franquia e 5% de bilheteria excedente[7] .

"A proposta que Oakland me ofereceu dá segurança para minha esposa, minha família, e essa é a razão pela qual decidi fazer a mudança. Foi a decisão mais difícil que já fiz na minha vida. [...] Eu sinto que a American Basketball Association tem o fundo financeiro necessário para que um time de basquete sobreviva. A liga antiga, ao ser estabelecida anos atrás, não tinha a segurança financeira que esse pessoal tem. É preciso ser realista e saber que grandes quantias não virão rapidamente, e eles sabem disso. Sinto que, com esse tipo de atitude, o sucesso é inevitável, especialmente se conseguirem outros jogadores jovens", explicou ele no dia em que anunciou a decisão.

A fala de Barry sobre os frutos financeiros da liga era correta apenas em partes. Na verdade, a grande atração da ABA para investidores era uma noção implícita de que haveria uma tentativa de fundi-la com a NBA, e que o lucro por isso compensaria todo o dinheiro injetado na liga – o que de fato aconteceu. Como visto na tabela anterior, o crescimento de público, especialmente em Indiana e Denver, fez com que os donos de franquias da NBA começassem a se preocupar bastante com a organização concorrente, iniciando uma discussão de unir as duas ligas.

As primeiras conversas ocorreram logo em 1969, de forma informal e na maioria das vezes apenas entre donos de franquias das duas ligas (como os representantes do Los Angeles Stars-ABA e do Seattle Supersonics admitiram)[8] , mas a NBA anunciou a desistência em retaliação a atitudes de bastidores da organização rival[9] . Em 1970, a fusão foi finalmente aprovada pelo conselho de governadores da NBA, mas a associação de jogadores (NBPA) iniciou um processo por normas antitruste, já que a concorrência havia aumentado salários para os atletas de ambas as organizações.

A ação foi liderada por Oscar Robertson, um dos primeiros grandes afrodescendentes no basquete, que começou sua carreira logo na década seguinte à da introdução de atletas negros na liga (que aconteceu em 1950). Presidente da associação, ele moveu a ação conhecida como Robertson vs National Basketball Ass'n com assinaturas de representantes das outras 13 franquias da liga principal, impedindo a fusão até 1976, sendo um dos processos mais importantes da história do esporte.

"Quem eles acham que estão enganando? Essa fusão só beneficiaria

7. Há uma certa confusão sobre os valores de salários fixos de Rick Barry: o New York Times e o Oakland Tribune reportaram, em 21 de junho de 1967, US$ 500 mil por três anos, enquanto a Sports Illustrated citou, em 14 de agosto de 1967, US$ 225 mil por três ano. O valor mais comumente usado é o primeiro.
The New York Times, 21 de junho de 1967. Disponível aqui
Sports Illustrated, 14 de Agosto de 1967. Disponível aqui

8. The Ottawa Journal, 1º de agosto de 1969. Disponível aqui

9. The New York Times, 26 de agosto de 1969. Disponível aqui

um lado, o dos donos. De qualquer forma, é uma atrocidade eles falarem o que fariam quando se juntarem porque, antes de tudo, isso é ilegal", disparava Robertson, em plena intertemporada. Jornais da época traziam entrevistas de representantes legais, como Ira Millstein, advogado dos atletas da NBA: "Não consigo acreditar que o Congresso aprovaria uma fusão tão anticompetitiva e prejudicial aos jogadores. Os jogadores claramente sofreriam porque a competição por seus serviços seria eliminada. […] Eu acredito que os jogadores farão oposição vigorosa para qualquer tentativa de obter tal legislação"[10] .

Esse ponto era, sem sombra de dúvidas, verdadeiro. Em testemunhos ao Subcomitê de Antitruste e Monopólio do Senado, em 1971, três atletas falaram sobre o crescimento dos salários nos últimos anos, e os comentários seguintes às informações são muito interessantes para compreender a luta dos atletas:

- Oscar Robertson recebia US$ 65 mil por ano em 1966, aumentando para US$ 233 mil por ano em 1971. Para ele, o primeiro salário não representava seu valor real e, além disso, era evidente que os donos recebiam mais e que não sofriam riscos de falência com o aumento desses valores.
- Zelmo Beaty recebia US$ 35 mil por ano em 1966, mas assinou um contrato de US$ 200 mil na ABA em 1969. O St. Louis Hawks, sua antiga equipe, o processou acusando que sua saída ocasionaria a perda de US$ 4 milhões de dólares, o que deixou um senador surpreso: o salário real de Beaty pela NBA representava 0,8% do lucro que ele dava à franquia.
- Dave DeBusschere não especificou o valor, mas afirmou que recebia cerca de US$ 20 mil por ano antes de ser trocado para os Knicks, em 1968. Após isso, seu salário subiu para US$ 100 mil[11].

Um outro bom exemplo foi Elgin Baylor, que assinou uma renovação de contrato pouco após Rick Barry mudar de liga para receber o salário máximo da época. Na opinião dele, isso aconteceu por um dos dois motivos: os Lakers perceberam que a notícia de Barry havia criado dúvidas sobre o futuro de Baylor na NBA, ou apenas preferiram tentar manter sua estrela antes dessas dúvidas aparecerem de verdade[12].

Enquanto os dirigentes das ligas queriam forçar uma fusão, os jogadores faziam de tudo para resistir, e uma grande iniciativa foram os Supergame I e II. Apesar das críticas dos donos das franquias, os atletas da ABA e da NBA marcaram uma partida entre as estrelas de cada liga em

10. The New York Times, 19 de junho de 1970. Disponível aqui

11. The New York Times, 23 de setembro de 1971. Disponível aqui

12. BAYLOR, Elgin. Hang time: my life in basketball. Houghton Mifflin Harcourt, 2018, p. 94.

uma iniciativa clara de mostrar que o nível de concorrência era importante para todos os participantes. Em maio de 1971, os dois lados argumentavam e discutiam publicamente. O comissário Kennedy afirmou: "Todos os donos expressaram para mim seus fortes protestos em relação ao jogo, marcado sem suas autorizações"[13] . Como resposta, Oscar Robertson argumentou: "O Supergame mostrará que duas ligas profissionais podem disputar juntas no nível mais alto de competição sem uma fusão ilegal. Os donos se recusaram a apresentar qualquer jogo entre as ligas sem a fusão, e isso deixa clara a única motivação deles: dinheiro"[14].

Questões políticas e judiciais deixadas de lado, o clima na imprensa – e talvez nos próprios vestiários – era de que a NBA era uma grande favorita para a partida. O próprio New York Times começou sua crônica pós-jogo afirmando que "a zebra lutou fortemente contra os adversários mais famosos", enquanto o melhor jogador da ABA por duas temporadas seguintes Mel Daniels afirmou: "se tem algo que me lembro é que dei um toco no Elvin Hayes, mas no dia seguinte saiu no jornal que ele quem me bloqueou". De qualquer forma, o jogo foi vencido pelas estrelas da NBA, por 125-120, com um bom público para a época, provando o ponto dos jogadores de que havia competitividade a ser enaltecida entre as ligas.

Uma curiosidade interessante é que as regras do jogo foram híbridas: no primeiro tempo, de acordo com a NBA (24 segundos por posse e sem cestas de três), no segundo, com a ABA (30 segundos por posse e com cestas de três). Aquela pode ter sido a introdução "oficial" de vários atletas à linha de três, que só foi adotada na liga principal em 1979. Assim, John Brisker, Larry Jones e Steve Jones, todos da ABA, foram responsáveis pelas quatro cestas do perímetro na partida.

No ano seguinte, os jogadores novamente organizaram um outro Supergame, mas dessa vez a oposição seria mais forte ainda. Enquanto a ABA parecia feliz com a atenção que seus jogadores recebiam (algo totalmente compreensível, já que ganharia audiência e daria mais motivos para ninguém desistir da fusão), a NBA era totalmente contra a iniciativa e anunciou, no dia do evento, que poderia multar atletas que o disputassem. Três ausências foram confirmadas e, para a surpresa de dirigentes, o medo das multas não foi a razão de nenhuma. Na época novato, Kareem Abdul-Jabbar casou-se pouco antes; Jerry West apoiou a partida, mas não jogou por situações pessoais; e Walt Frazier, que avisou a colegas que iria ao jogo, mas nunca apareceu. A partida aconteceu normalmente, com um clima muito saudável entre os atletas das duas ligas, mas a vitória ficou novamente com a NBA: 106-104.

No dia seguinte, os jornais ecoaram um contra-ataque dos jogadores

13. The Boston Globe, 14 de maio de 1971. Disponível aqui

14. The New York Times, 12 de maio de 1971. Disponível aqui

KAREEM ABDUL-JABBAR (1947-):

SEM DÚVIDAS UM DOS ATLETAS MAIS MARCANTES DA HISTÓRIA. CAMPEÃO SEIS VEZES DA NBA, SEIS VEZES MVP E 19 VEZES ALL-STAR, KAJ É O DETENTOR DO RECORDE DE MAIS PONTOS NA HISTÓRIA DA LIGA: 38387. COM SEU "SKYHOOK", MOVIMENTO DE GANCHO PARA ARREMESSAR A BOLA, ELE FOI PRATICAMENTE IMPARÁVEL NAS DÉCADAS DE 70 E 80 JOGANDO PELO MILWAUKEE BUCKS E PELO LOS ANGELES LAKERS. KAREEM TAMBÉM FOI O PRIMEIRO ATLETA DA NBA A ESTREAR NUM FILME DE HOLLYWOOD: PRIMEIRO EM 1972 EM JOGO DA MORTE COM BRUCE LEE, DEPOIS EM 1980 EM APERTEM OS CINTOS, O PILOTO SUMIU

às ameaças: "a associação de jogadores decidiu que, se algum jogador for suspenso ou multado, todos os jogadores pedirão demissão", explodiu Bob Lanier, do Detroit Pistons. Dave DeBusschere[15] , vocal contra a liga na ação antitruste, endossou a iniciativa, e representantes da NBPA afirmaram que tomariam todas as atitudes legais necessárias para prevenir multas.

Sem sucesso. Sete atletas no total foram obrigados a pagar cerca de 3 mil dólares cada, incluindo Bob Lainer, Dave DeBusschere, Wilt Chamberlain, Oscar Robertson e John Havlicek. Entre todos os que jogaram contra a seleção da ABA, apenas dois não sofreram punição, já que suas franquias haviam concedido permissão prévia para participarem do duelo. O jornalista Sam Goldaper, do The New York Times, citou o All-Star Game de 1964 como um exemplo do que poderia estar por vir caso os atletas decidissem entrar protestar contra a atitude[16].

Esse foi apenas um conflito secundário da relação entre jogadores e liga no começo dos anos 70. A ação de Oscar Robertson contra a união da ABA e NBA ainda era muito discutida, mas, depois de anos de especulação, com o comissário Kennedy chegando a afirmar que nada aconteceria tão cedo, a fusão finalmente foi oficializada em 1976. Quatro equipes mudaram para a NBA – New York Nets, Indiana Pacers, Denver Nuggets e San Antonio Spurs – , e a American Basketball Association chegou ao fim, com um prejuízo total especulado por volta de US$ 40 milhões, segundo jornais da época[17].

Apesar de ser justificada, inicialmente, com foco nos salários, a ação foi o ponto definitivo para muitas conquistas importantes: fim da cláusula de reserva (que prendia jogadores a equipes por longos períodos ou até permanentemente), o surgimento da *free agency* e alterações das regras do

15. The Harlan Daivy Enterprise, 26 de maio de 1972. Disponível aqui

16. The New York Times, 17 de junho de 1972. Disponível aqui

17. The New York Times, 18 de junho de 1976. Disponíve aqui

Draft, além de confirmar a crença de Robertson de que os jogadores deveriam ser bem compensados financeiramente. Ela foi uma das responsáveis por começar a dar maior autonomia e legalidade para o poder de escolha dos atletas, concretizando-os como parte principal da liga e não apenas meros funcionários.

A ABA, assim, foi uma adversária fundamental e hoje até um pouco esquecida na história da NBA, que teve seus diversos fracassos e múltiplos sucessos. Uma concorrente que surgiu com novidades e experimentações que deram um novo respiro para o basquete norte-americano, implementando não apenas mudanças na estruturação, mas nas atitudes. A elevação dos integrantes do esporte a personalidade se deve muito a ela, sendo potencializada ainda mais nos anos 80 com David Stern e talentos geracionais.

JERRY WEST (1938-):

LITERALMENTE O ROSTO DA NBA, SENDO O JOGADOR CUJA SILHUETA ILUSTRA O LOGO DA LIGA. WEST PASSOU A CARREIRA INTEIRA NOS LAKERS, GANHANDO UM TÍTULO E PARTICIPANDO DE 14 ALL-STAR GAMES. APOSENTADO, ELE VIROU TÉCNICO DOS LAKERS, ONDE COMANDOU KAREEM-ABDUL JABBAR POR TRÊS ANOS, E DEPOIS GENERAL MANAGER, SENDO UM DOS RESPONSÁVEIS PELA DINASTIA DOS LAKERS POR DÉCADAS. ATUALMENTE, É CONSULTOR DO LOS ANGELES CLIPPERS.

"O acordo proposto constitui um compromisso negociado que visa proteger de forma justa os interesses tanto dos jogadores quanto dos proprietários dos clubes. Isso deve trazer paz e estabilidade ao basquete profissional por muitos anos". O juiz Robert Carter tinha razão: os dias sombrios da NBA estavam perto de acabar

WILT CHAMBERLAIN (1936-1999):

O HOMEM DOS RECORDES. ÚNICO JOGADOR A FAZER 100 PONTOS EM UMA PARTIDA, A TER 50 PONTOS DE MÉDIA NUMA TEMPORADA E MUITO MAIS. WILT FOI UM FENÔMENO DOS ANOS 60, VENCENDO O PRÊMIO DE MVP QUATRO VEZES, SENDO ALL-STAR 13 VEZES E GANHANDO DOIS TÍTULOS DA NBA. PRESENTE NO HALL DA FAMA DO BASQUETE, SUA DOMINÂNCIA EM QUADRA OBRIGOU DIVERSAS MUDANÇAS DE REGRAS, COMO AUMENTAR O GARRAFÃO E INSTITUIÇÃO DA INTERFERÊNCIA OFENSIVA. NENHUM JOGADOR NA HISTÓRIA

DAVID STERN E A LIGA DOS JOGADORES

Apesar de os conflitos entre jogadores e liga terem diminuído consideravelmente nos anos seguintes, a liga ainda tinha questões importantes para resolver se quisesse voltar a crescer, e todas elas impactavam sua imagem pública. Os últimos anos da década de 1970 foram pesados, já que as transmissões televisivas tinham ficado escassas graças à queda de audiência. Esse tema, vale lembrar, será abordado na próxima parte do livro. Enquanto isso, a NBA procurava ser mais e mais atrativa para todos.

Chega a ser desnecessário lembrar que a cocaína era uma droga extremamente comum entre celebridades nos anos 1970 e 1980. Para isso, basta assistir qualquer filme que retrate a época: Scarface, Boogie Nights – Prazer Sem Limites, Feito na América... Exemplos não faltam. E, assim como não faltavam exemplos no cinema, as quadras também estavam recheadas de drogas. Foi preciso muita luta para que essa situação fosse finalmente amenizada e, obviamente, a solução não surgiu da noite para o dia.

No meio das Finais de 1980, o ala-pivô Spencer Haywood, que atuava pelo Los Angeles Lakers e estava enfrentando o Philadelphia 76ers, simplesmente desmaiou no treino da equipe. O técnico Paul Westhead anunciou a suspensão do atleta pelo resto da temporada "pelos melhores interesses dos Lakers", explicando que a punição se devia a "um acúmulo de coisas"[18] . A verdade, no entanto, é que Haywood havia passado a noite consumindo cocaína e aquele teria sido o começo do fim de uma carreira bastante respeitável. Assim, os poucos minutos que ele havia recebido nos últimos jogos daquela temporada tornaram-se zero.

Anos depois, em 1988, Haywood chegou a admitir que tinha planejado matar o técnico logo em seguida à suspensão: "Eu deixei o Forum [arena dos Lakers] e dirigi meu Rolls naquela noite com apenas um pensamento: Westhead tem que morrer. No calor do momento e na confusão da cocaína, liguei para um velho amigo de Detroit, um verdadeiro gangster. Sentamos e planejamos. Westhead vivia em Palos Verdes. Sabotaríamos seu carro, mexeríamos com a fiação do freio"[19] . Naquela década, ele disse que sua mãe descobriu o plano e o incentivou a desistir. Em 2014, já livre dos vícios e talvez com mais consciência, explicou que a ideia de que todos sabiam de seu plano era paranoia, que ele sequer sabia o endereço do treinador e concluiu: "São as drogas. Elas falam, sabe?"[20].

Spencer Haywood não foi o único com a carreira afetada naquele

18. The New York Times, 9 de maio de 1980. Disponível aqui

19. Deseret News, 6 de junho de 1988. Disponível aqui

20. Deadspin, 14 de março de 2014. Disponível aqui

ano. Terry Furlow tinha 25 anos e vinha da melhor temporada da carreira com o Utah Jazz, mas morreu na intertemporada após acertar um poste com seu carro. Ele havia passado aquela noite numa festa com um ex-colega de time e se drogou antes de dirigir o veículo, onde havia guardado um livro de jogadas da equipe, camisas de treino, latas de cerveja e um cigarro de maconha: na autópsia, foram revelados vestígios de cocaína e o tranquilizante Valium em sua corrente sanguínea[21] . Com 16 pontos de média naquele ano, Furlow era um talento em ascensão que não pôde ter sucesso na liga devido às drogas.

O problema das drogas chamava cada vez mais atenção ao redor da liga. Ainda em 1980, a maior parte dos executivos já garantia que diversos jogadores da NBA sofriam com abuso de substâncias químicas. O general manager do Utah Jazz (Frank Layden) afirmou ao The Washington Post que "não há um time na liga que você possa dizer, com confiança, que não tem problema com drogas. Todos os times se beneficiariam com um programa de reabilitação. Eu tive dois casos no último ano", lembrando da morte de Terry Furlow e da prisão de Bernard King no meio da temporada por posse de cocaína. Para o presidente do Atlanta Hawks (Michael Gearon), a estimativa era de que 75% dos atletas da liga consumiam drogas: "acredito que estamos na beira de uma epidemia. É hora de identificarmos o problema"[22].

A posição dos jogadores é muito interessante. Na reportagem, um anônimo disse: "é muito assustador. Alguns dos melhores jogadores da liga, que nem bebem, estão consumindo cocaína base livre e gastando muito dinheiro. Alguma loucura vai acontecer num aeroporto ou num hotel e tudo vai desandar". Um outro atleta confirmou o número fornecido pelo presidente dos Hawks e afirmou que "cocaína é desenfreada na liga. Quer dizer, 75% da liga usa. É como beber água. Você cheira para ser sociável". Mais importante que tudo, os jogadores esperavam que um caso grave abrisse seus olhos, mas a morte de Furlow só criou o sentimento de "é uma pena para ele, mas não vai acontecer comigo"[23] . Infelizmente, é assim que funcionam os vícios.

Em declaração, o comissário da liga na época, Larry O'Brien, afirmou que a NBA reconhecia que o problema com drogas existia na sociedade e que a liga tinha um programa de educação e aconselhamento em relação a substâncias viciantes. Mas isso não era suficiente. Em 1983, a NBA se tornou a primeira organização de esportes profissionais a apresentar uma política antidrogas e, com isso, deu um passo importante no processo de reabilitação dos jogadores e "limpeza" da liga – já que, além de intuitos humanitários, a organização também tentava melhorar sua imagem. Quan-

21. The Philadelphia Inquirer, 21 de maio de 2020. Disponível aqui

22. The Washington Post, 20 de agosto de 1980. Disponível aqui

23. Idem.

do o comissário O'Brien deixou o cargo no fim daquele ano para David Stern (na época conselheiro geral e vice-presidente) sucedê-lo, ele exaltou os dois grandes pontos altos em sua carreira: a fusão com a ABA e o recém-implantado programa de combate às drogas que, nas palavras dele, deixava a NBA "na vanguarda das ligas profissionais".

A política foi duramente criticada por anos a fio devido a seu caráter punitivista: se necessitasse de recuperação três vezes, o jogador seria expulso da liga, ao estilo "strike out" do beisebol. Micheal Richardson, jogador dos Nets que estava se recuperando do vício de cocaína, afirmou que "a NBA não entende que drogas são doenças que mudam sua vida inteira. O grande problema é que as pessoas que usam drogas têm vergonha de admitir, têm um medo terrível de acordar na manhã e ver uma manchete de jornal dizendo que fulano usa droga"[24] . As regras foram mudando e houve, de fato, muitas incoerências. Em 1988, a liga obrigava novatos a testarem quatro vezes ao ano, mas não forçava veteranos. Enquanto isso, organizações de outros esportes davam mais ênfase para a privacidade dos atletas caso decidissem pedir ajuda em contraste à severa NBA[25] . No século passado, um total de oito jogadores foram banidos permanentemente ou por algumas temporadas.

LARRY O'BRIEN (1917-1990):

TERCEIRO COMISSÁRIO DA HISTÓRIA DA NBA, ELE FOI O SUCESSOR DE WALTER KENNEDY. ELE FOI O GESTOR RESPONSÁVEL PELA MELHORA DA IMAGEM DA LIGA NO COMEÇO DA DÉCADA DE 80, DANDO UMA BOA BASE PARA A GRANDE EVOLUÇÃO QUE ACONTECEU SOB DAVID STERN. ANTES DE ATUAR COMO COMISSÁRIO, ELE TINHA SIDO ESTRATEGISTA DO PARTIDO DEMOCRATA AMERICANO POR DUAS DÉCADAS, ATUANDO EM CAMPANHAS PRESIDENCIAIS. O NOME DO TROFÉU DA NBA É EM SUA HOMENAGEM: LARRY O'BRIEN CHAMPIONSHIP TROPHY.

Apesar de todas as críticas e hipocrisias do programa, ele realmente ajudou a melhorar tanto a condição dos jogadores quanto a imagem da NBA que, a partir daquela década, teria o maior crescimento de sua história muito graças a David Stern. Ser importante para a fundamentação e execução da política antidrogas foi apenas o começo da carreira do novo comissário, que chegou ao cargo para revolucionar a audiência e o alcance do basquete norte-americano no mundo.

Logo em sua primeira temporada, começariam os primeiros Playof-

24. The New York Times, 29 de setembro de 1983. Disponível aqui

25. KETEYIAN, Armen; ARATON, Harvey; DARDIS, Martin. Money Players: Days and Nights. Simon and Schuster, 1997.

fs com 16 times em vez de 12, como era anteriormente. Naquele ano, as Finais também seriam perfeitas para a estreia do comissário: a grande rivalidade Boston Celtics x Los Angeles Lakers. As palavras de Stern resumem bem a importância daquele duelo: "Quando temos o time Número 1 e o time Número 2 se encontrando na final do torneio, é incrível. E, quando temos a tradição de Boston e LA e as grandes estrelas desses dois times, é quase mais do que poderíamos sonhar em ter"[26] .

MICHEAL RICHARDSON (1955-):

ELE FOI UM DOS PRIMEIROS JOGADORES A SER BANIDOS DA LIGA DEVIDO À REGRA ANTIDROGAS, EM 1986, DEPOIS DE ALGUNS ANOS COM PROBLEMAS COM COCAÍNA. EM 1983, JÁ CRÍTICO DA POLÍTICA DA LIGA, ELE HAVIA SIDO DEMITIDO PELOS NETS PARA ENTRAR EM PROCESSO DE REABILITAÇÃO. AO ANUNCIAR A PUNIÇÃO FINAL, DAVID STERN AFIRMOU QUE ERA "UM DIA TRÁGICO PARA MICHEAL RAY RICHARDSON, NADA MENOS QUE A DESTRUIÇÃO DE UMA CARREIRA OUTRORA FLORESCENTE DEVIDO À COCAÍNA".

A rivalidade entre Magic Johnson, dos Lakers, e Larry Bird, dos Celtics, era uma das principais atrações da liga naqueles primeiros anos da década. Dois garotos extremamente talentosos – o primeiro com uma capacidade de armar o jogo como poucos, o segundo com poder de fogo e arremessos históricos –, muito competitivos e que já haviam se enfrentando numa grande partida: a final do basquete universitário de 1979. As Finais de 1984 seriam históricas porque, pela primeira vez em 15 anos, Lakers e Celtics se enfrentariam num embate entre os dois principais nomes jovens da liga. Dessa forma, foram necessários todos os jogos da melhor de sete para que Boston levasse o anel de campeão.

E, se já não bastassem os grandes nomes do experiente Kareem Abdul-Jabbar, dos jovens Magic Johnson e Larry Bird e outros que já estavam em desenvolvimento na NBA, como Isiah Thomas, mais e mais talentos chegavam na liga através do Draft. Em junho de 1984, David Stern estava em Nova York para anunciar as seleções de primeira rodada: em primeiro lugar, o Houston Rockets escolheu Hakeem Olajuwon; em terceiro, o Chicago Bulls selecionou ninguém menos que Michael Jordan; em quinto, Charles Barkley foi para o Philadelphia 76ers. Em questão de talento, a NBA estava cada vez mais bem servida. Agora era necessário aumentar sua exposição e elevar a marca da liga.

E, assim, chega-se ao maior mérito de David Stern como comissário. Antes

26. KIRCHBERG, Connie. Hoop Lore: A History of the National Basketball Association. McFarland, 2007, p. 177.

de assumir o maior cargo da organização, ele tinha sido advogado, um homem de negócios e, finalmente, teve grande contato com o setor de marketing e relações públicas da liga. Por isso, soube o que era preciso para fazer a NBA se diferenciar dos outros esportes: era preciso comercializar suas atrações. E que atrações são maiores que os talentos históricos que a liga tinha nas mãos?

"Todo esporte tem um nicho. Beisebol é cheio de tradição e estatísticas maravilhosas, grama verde, ar fresco, família. Futebol americano tem o nicho de reuniões nas tardes do domingo, torcedores apaixonados e poucos jogos. Mas acredito que o basquete é muito contemporâneo: nossos jogadores são quase como artistas do entretenimento. [...] [A Disney] tem parques temáticos. Nós também temos parques temáticos, mas chamamos de arenas. Eles têm personagens: Mickey Mouse, Pateta. Nossos personagens são chamados de Magic [Johnson] e Michael [Jordan]."[27]

Como a Disney, a NBA não mais se baseava em nomes genéricos para fazer sucesso. As partidas não eram anunciadas mais como "hoje tem Lakers contra Celtics!". A liga se tornaria, oficialmente, uma liga de personalidades. Era a liga do "Lakers de Magic Johnson contra os Celtics de Larry Bird!", e, por isso, os fãs eram convencidos com sonoros "venha assistir Michael Jordan brilhar".

A alteração não ocorreu apenas na forma de divulgação do esporte em si, mas houve toda uma transformação midiática em volta dos jogadores. Uma das propagandas mais icônicas da história do basquete mostra bem isso: em 1986, a Converse lançou a linha de tênis Converse Weapon, que virou fenômeno com a ajuda das estrelas da liga na época. Com cores personalizadas para cada um, como amarelo e roxo para simbolizar os Lakers e verde para os Celtics, os atletas participaram de uma propaganda clássica cantando rap lado a lado:

Magic Johnson: Converse Weapon, esse é o tênis que deixa o Magic fazer o que ele nasceu para fazer.
Isiah Thomas: Pode até ser, mas não é tudo: ele deixa Isiah jogar como se tivesse três metros de altura.
Kevin McHale: Com os tipos de jogadas que nunca falham, o Weapon é a escolha de Kevin McHale.
Mark Aguirre: Isso também é verdade para Mark Aguirre, quando calço esse tênis eu pego fogo.
Bernard King: O que o Weapon pode fazer pelo King? Bom, posso fazer praticamente tudo.
Larry Bird: Vocês já sabem o que ele fez por mim.
Todos: O quê?
Larry Bird: Acabei ganhando o MVP!

27. Sports Illustrated, 3 de junho de 1991. Disponível aqui

Essa propaganda pode ser considerada um marco cultural dos anos 1980, até porque praticamente todas as estrelas calçavam Converse (com exceção de Michael Jordan, que usou seus tênis no basquete universitário, mas não assinou com a empresa pois não seria a prioridade dela, fechando com a Nike). Vale observar também que, naquele momento, a cultura do hip hop começava a se tornar *mainstream* no universo do basquete.

Fenômeno semelhante começava a acontecer com Michael Jordan, o garoto-sensação de Chicago que já havia ganhado uma linha exclusiva de tênis pela Nike, uma empresa que ainda não era tão grande no basquete: Air Jordan. A popularidade e a atenção chamada por MJ ao redor dos Estados Unidos tornou-o a celebridade perfeita para promover não apenas elementos relacionados a esporte, mas diversas marcas nacionais e internacionais.

Num mundo em que o racismo ainda dominava grandes corporações, era raro ver negros em posições de destaque publicitário. A questão é que Jordan era simpático, adorado por milhões, tinha uma história de vida cativante e, para agentes publicitários da época, sua fama fazia-o "transcender a raça"[28]. Assim, ele assinou contratos com Cola-Cola, Gatorade e McDonald's e participou de campanhas publicitárias que marcaram época. Enquanto sua popularidade crescia, também crescia a da NBA e, consequentemente, uma das dificuldades enfrentadas pela liga era superada. Após anos sendo caracterizada como "muito negra", o que pode até ter sido considerado empecilho por emissoras nos anos 1970, a liga finalmente conquistava parcelas da "White America".

A questão é que boa parte dessas ações não vieram necessariamente da NBA. Sob comando de David Stern, a liga sabia da relevância de seus craques e certificou-se que eles liderassem o alcance da organização, mas esse crescimento veio de um conjunto de fatores que não podem ser resumidos apenas em um ponto. Talentos em quadra, mentalidade da liga, marcas investindo em jogadores e aceitação gradual do público estadunidense... Todos esses fatores se interceptaram e foram, juntos, importantes para o crescimento. Como explicou David Stern: "A verdade é que nós nunca promovemos, de fato, Michael Jordan. Os patrocinadores dele fizeram isso, nós não precisamos. Nunca nos sentamos numa sala e dissemos que 'Michael é nosso salvador, vamos fazer que todos o promovam'".[29]

Em menos de 10 anos, a NBA havia saído do desastre do final da década de 1970 para o crescimento exponencial dos anos 1980. A audiência televisiva era maior que nunca, a presença em arenas ia muito bem, suas estrelas eram presentes na mídia e a NBA sabia capitalizar isso, direta ou indiretamente. O que mais poderia ser feito para expandir a marca?

---

28. KIRCHBERG, Connie. Hoop Lore: A History of the National Basketball Association. McFarland, 2007, p. 196.

29. Ibidem, p. 200.

David Stern sempre sonhou com a internacionalização do basquete. Apesar de a modalidade ser cada vez mais disputada ao redor do planeta, a NBA em si ainda não era tão conhecida globalmente. Foi assim que, ainda na década de 1980, a liga começou a agir em prol de sua expansão além dos Estados Unidos: começando por partidas no exterior até atingir o público de forma consistente através de transmissões televisivas, influenciando mais milhões de fãs de esportes.

Um dos primeiros momentos desse plano foi a série de partidas na pré-temporada de 1984-85, naquela que seria a primeira temporada completa de David Stern no comando. Dezessete partidas foram disputadas na Europa pelo Seattle Supersonics, New Jersey Nets e Phoenix Suns, que enfrentaram quatro times italianos, três alemães, dois israelitas e um suíço no total. Antes disso, apenas quatro jogos haviam sido realizados no exterior na história da associação. É curioso ressaltar que os times da NBA venceram 15 vezes, mas foram derrotados em duas oportunidades pelo Maccabi Elite Tel Aviv, de Israel, que se mantém relevante em nível europeu até hoje, sendo o terceiro maior campeão da EuroLeague.

Aqueles amistosos eram, sem dúvidas, um sinal do que estava por vir. Ainda em 1984, como David Stern havia viajado para acompanhar suas franquias na Itália, surgiram rumores de que a NBA poderia estar interessada em aceitar times sediados na Europa. Na primeira noite de partidas oficiais daquele ano, na revista oficial da liga, uma entrevista de David Stern negou essa possibilidade (que até hoje permanece como apenas um sonho dos torcedores), mas afirmou: "poderemos estar assistindo times da NBA jogando partidas de temporada regular em países estrangeiros"[30] . Dito e feito.

Em novembro de 1990, Phoenix Suns e Utah Jazz viajaram para Tóquio, no Japão, para realizar duas partidas e abrir a temporada regular de 1990-91. Cada time venceu uma vez, mas o que aconteceu dentro de quadra não é tão importante. O que de fato importa é como a NBA havia deixado de ser uma liga pequena, com dificuldades e públicos reduzidos, para se tornar sucesso mundial. Isso é muito bem captado na genial crônica de George Vecsey, intitulada "Green Parrot para Tóquio" e publicada no The New York Times. Por isso, vale a pena lê-la de forma – quase – integral.

30. The New York Times, 7 de setembro de 1984. Disponível aqui

"Mas a maior expansão no basquete profissional é geográfica.

Enquanto conversamos, dois elencos de pessoas altas estão, dependendo da hora que for lá, jogando ou se preparando para jogar de boa-fé, aprovados, ao estilo David-Stern-disse-que-estava-tudo-bem, numa partida de temporada regular no sábado na cidade de Tóquio.

E daí os mesmos Utah Jazz e Phoenix Suns jogarão outra partida oficial, no domingo, em Tóquio.

Esse é só o começo de algo grande. Algo diz aqui que o basquete profissional será o esporte com expansão mais rápida no próximo século.

[...]

O talento está lá. As Seleções da Iugoslávia e União Soviética humilharam nossos garotos universitários, e Oscar do Brasil tem sido o melhor arremessador internacional da nossa geração. Jogadores da Nigéria e Jamaica e Lituânia e Iugoslávia e Alemanha Ocidental agora estão na NBA.

[...]

As duas partidas da liga em Tóquio estão muito distantes do começo da década de 1950, quando algumas noites de jogos terminavam com o duelo mais tardio acontecendo em Fort Wayne, no Estado ocidental de Indiana.

Chegar em Fort Wayne era uma aventura épica: uma viagem de trem após um jogo à noite no velho Madison Square Garden, e uma parada rápida antes do anoitecer no norte de Indiana.

Na escuridão, gigantes cansados como Harry Gallatin e Sweetwater Clifton carregavam suas próprias mochilas até uma parada na estrada chamada de Green Parrot, onde táxis eram chamados para levá-los ao movimento centro de Fort Wayne.

Agora, seus descendentes voam em gigantes aviões 747 para Tóquio. No Green Parrot, o café custava 25 centavos. Em Tóquio, pode custar 100 dólares o copo. Ou aquilo é um hambúrguer?

De qualquer forma, aqueles 24 turistas americanos têm condições de pagar."[31]

31. The New York Times, 28 de outubro de 1990. Disponível aqui

Mas, além dessas partidas ligadas diretamente à NBA, houve um outro momento decisivo. Em 1988, ano das Olimpíadas de Seul, o comissário organizou três partidas entre Atlanta Hawks e União Soviética. Ainda havia um grande choque cultural naquela época, com a Guerra Fria prestes a acabar e que certamente influenciou na experiência dos jogadores americanos. No entanto, um dos maiores choques provavelmente aconteceu em quadra: os Hawks venceram o primeiro jogo por apenas um ponto, venceram o segundo na prorrogação e perderam o terceiro por nove.

DATA	RESULTADO	LOCAL
25/07/1988	União Soviética 84-85 Atlanta Hawks	Tiblíssi, Geórgia
27/07/1988	União Soviética 105-110 Atlanta Hawks	Vilnius, Lituânia
30/07/1988	União Soviética 132-123 Atlanta Hawks	Moscou, Rússia

ARVYDAS SABONIS (1964-):

UM DOS MELHORES JOGADORES EUROPEUS DA HISTÓRIA, O LITUANO AJUDOU A TRANSFORMAR A POSIÇÃO DE PIVÔ COM VERSATILIDADE, HABILIDADE PARA ARMAR O JOGO E ARREMESSAR. ELE PASSOU SEU AUGE JOGANDO EM LIGAS EUROPEIAS E SÓ CHEGOU NA NBA EM 1995-96 PARA JOGAR PELO PORTLAND TRAIL BLAZERS. FOI CAMPEÃO DA COPA DO MUNDO EM 1982 E OURO NAS OLIMPÍADAS DE 1988 COM A UNIÃO SOVIÉTICA. É PAI DE DOMANTAS SABONIS, JOVEM TALENTO DA NOVA GERAÇÃO DA NBA.

Poucas semanas depois, aquela União Soviética ganhou a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos, sendo liderada por Sarunas Marciulionis e Arvydas Sabonis, dois jogadores que logo nos anos seguintes deixaram suas ligas locais para se juntar à NBA – Golden State Warriors e Portland Trail Blazers, respectivamente. Como relembra a lenda dos Hawks Dominique Wilkins: "aquele time soviético era muito sólido. Eles eram durões e os jogos foram divertidos".[32]

Um dos pontos mais importantes dessa viagem, no entanto, foi que ela levou ao famoso Dream Team estadunidense de

32. Atlanta Hawks. Disponível aqui

1992. Com a decepção da Seleção nos Jogos Olímpicos anteriores, em que o elenco ainda era composto exclusivamente por jogadores universitários, imprensa e até atletas criavam pressão para que jogadores profissionais representassem os EUA.

"É uma honra gigante para um jogador representar seu país, mas em algum momento temos que ser realistas. Não pode haver uma definição de profissional num país e outra em outro. Precisamos usar jogadores profissionais contra times profissionais", reclamou John Thompson, técnico da Seleção Estadunidense naquela temporada em referência ao confronto entre universitários americanos e profissionais estrangeiros.

Com as mudanças das regras da FIBA, permitindo que atletas da NBA pudessem participar de seus torneios, surgia um fenômeno que misturava o que de melhor David Stern havia idealizado para sua liga. Michael Jordan, Magic Johnson, Larry Bird, Charles Barkley e todos os craques convocados estrelaram um evento no horário nobre da NBC em 1991, patrocinado por grandes empresas estadunidenses. Pouquíssimas coisas poderiam estragar aquele ano que viria para a organização: temporada regular repleta de atrações seguida de Olimpíadas inéditas.

"Devido ao… ao vírus HIV que eu contraí, terei que [me] aposentar dos Lakers hoje. Gostaria de deixar claro, primeiramente, que eu não tenho a doença AIDS – sei que muitos de vocês queriam saber isso –, apenas o vírus HIV. Minha esposa está bem, testou negativo, não há problema com ela. Pretendo seguir, vivendo por um longo tempo, inco-

DOMINIQUE WILKINS (1960-):

UM DOS MAIORES JOGADORES DA HISTÓRIA DO ATLANTA HAWKS, ATUANDO PELA EQUIPE ENTRE 1982 E 1994. INTRODUZIDO NO HALL DA FAMA DO BASQUETE, WILKINS FOI ALL-STAR EM NOVE OPORTUNIDADES E VENCEU A COPA DO MUNDO PELOS EUA EM 1994. ELE É O JOGADOR COM A 14ª MAIOR MÉDIA DE PONTUAÇÃO NA CARREIRA, COM 24.8 PONTOS POR JOGO.

JOHN THOMPSON (1941-2020):

PRIMEIRO TÉCNICO NEGRO A GANHAR O CAMPEONATO UNIVERSITÁRIO DE BASQUETE (NCAA), FOI ELE QUEM TREINOU A SELEÇÃO OLÍMPICA DOS EUA DE 1988, A ÚLTIMA QUE NÃO CONTAVA COM ATLETAS DA NBA. ALGUNS JORNALISTAS, COMO BILL SIMMONS, AFIRMAM QUE NÃO FALTAVA TALENTO NAQUELA CONVOCAÇÃO, MAS QUE O TÉCNICO HAVIA FEITO ESCOLHAS ERRADAS EM SEU QUINTETO TITULAR. NO FINAL DAS CONTAS, O BRONZE NAS OLIMPÍADAS AJUDOU A CONSTRUIR O DREAM TEAM.

modando vocês, como eu sempre fiz. Vocês vão me ver por aí. Pretendo continuar com os Lakers e com a liga. Com sorte, David [Stern] me terá aqui por um bom tempo."

Sentado imediatamente à esquerda da estrela do Lakers naquela tarde, o comissário estava pronto para auxiliar na próxima etapa de Magic. Como representante de diversas empresas e instituições, o craque recebeu apoio de marcas como a Converse, que criou a campanha Magic's Athletes Against AIDS para ajudar a conscientizar o público sobre o vírus. Isso foi um desejo expressado por ele na própria coletiva e que foi muito bem recebido pelas empresas e fãs.

"Vou sentir falta de jogar, mas agora vou virar um porta-voz do vírus porque quero que os jovens percebam que podem fazer sexo seguro. Às vezes é possível ser ingênuo quanto a isso e pensar que nunca aconteceria com você, mas aconteceu e vou lidar com isso."

Numa época em que a AIDS era ainda era um grande tabu – principalmente com fundo homofóbico –, Magic Johnson e a NBA foram importantes para ajudar a criar consciência em milhões de pessoas sobre como a doença poderia atingir a todos, "quebrando o gelo" na discussão do tema. Em recompensa, mesmo aposentado, o craque foi votado pelos torcedores para participar do All-Star Game daquele ano, a única partida que disputaria na temporada. O resultado? 25 pontos, o prêmio de MVP do evento e um momento inesquecível: na última posse, marcado por Isiah Thomas, ele chutou de três e acertou, levando a torcida à loucura. Imediatamente, todos os jogadores foram abraçá-lo, numa das cenas mais lindas da década no basquete.

No começo de 1992, o Comitê Olímpico liberou jogadores com HIV a jogarem as Olimpíadas. Assim, o elenco estrelar viajou até Barcelona para representar a Seleção Estadunidense e... fazer história. Vencendo todos os jogos com pelo menos 30 pontos de diferença e ganhando a medalha de ouro, aquele elenco mostrou ao resto do mundo que, de fato, a NBA era o melhor basquete do mundo.

DATA	RESULTADO	FASE
26/07/1992	Estados Unidos 116-48 Angola	Primeira fase
27/07/1992	Estados Unidos 103-70 Croácia	Primeira fase
29/07/1992	Estados Unidos 111-68 Alemanha	Primeira fase
31/07/1992	Estados Unidos 127-83 Brasil	Primeira fase
02/08/1992	Estados Unidos 122-81 Espanha	Primeira fase
04/08/1992	Estados Unidos 115-77 Porto Rico	Quartas de final
06/08/1992	Estados Unidos 127-76 Lituânia	Semifinal
08/08/1992	Estados Unidos 117-85 Croácia	Final

E talvez essa tenha sido a intenção por trás de uma equipe profissional dos EUA nas Olimpíadas. O jornalista Bob Ryan defende a ideia de que o secretário geral da FIBA, Boris Stankovic, queria expor os outros países àquele nível altíssimo para que pudessem melhorar[33]. Não à toa, Mike D'Antoni, que na época ainda era treinador na Itália, falou que "até agora, os europeus só podiam imaginar quão bons os jogadores da NBA eram [...]. Isso vai permitir uma olhada de perto no que eles precisam fazer [para melhorar]"[34] . O próprio David Stern reconheceu isso alguns meses antes das Olimpíadas: "no final, a NBA será o lugar que estrelas de outros países aperfeiçoarão suas habilidades antes de voltar para casa e representar seus países em torneios internacionais. Há 190 países querendo imitar os jogadores da NBA e seus talentos".[35]

MIKE D'ANTONI (1951-):

TÉCNICO ESTADUNIDENSE QUE COMEÇOU SUA CARREIRA NA ITÁLIA ATÉ SER CONTRATADO PELO DENVER NUGGETS EM 1997. DESDE ENTÃO, PASSOU POR PORTLAND TRAIL BLAZERS, PHOENIX SUNS, NEW YORK KNICKS, LOS ANGELES LAKERS, PHILADELPHIA 76ERS, HOUSTON ROCKETS E BROOKLYN NETS. ELE TAMBÉM FOI TÉCNICO ASSISTENTE DA SELEÇÃO DOS EUA NA COPA DO MUNDO DE 2006 E NAS OLIMPÍADAS DE 2008 E 2012.

Independente de existir um motivo único que levou à construção do Dream Team ou não, o fato é que todos esses causos levaram à expansão da NBA no mundo. Um fenômeno que se cresceu nos anos 1980, tornou-se notável nos anos 1990 e 2000 que, hoje, é parte fundamental para a identidade dentro e fora das quadras da liga. Seja com o grego Giannis Antetokounmpo vencendo prêmios de MVP consecutivos, ou com o sérvio Nikola Jokic continuando a revolucionar a posição de pivô, ou com o esloveno Luka Doncic com futuro brilhante, ou com Rudy Gobert, Joel Embiid, Ben Simmons, Shai Gilgeous-Alexander... A liga é estadunidense, mas a atração é composta e divulgada globalmente.

Em 1990, o general manager do Orlando Magic, Pat Williams, proferiu uma das frases mais icônicas da história da liga: "David [Stern] nunca estará feliz até ele poder andar pelas ruas de Pequim e ver um boné da NBA em todas as crianças. E não pensem que ele não fará isso acontecer".

Bom: a melhor liga de basquete se concretizou também como a maior; os jogadores eram verdadeiramente personalidades, estrelas pop e que também lutavam por causas sociais; a NBA alcançava o mundo todo.

Aconteceu.

33. RYAN, Bob. Scribe: My Life in Sports. Bloomsbury Publishing USA, 2014, p. 174.

34. KIRCHBERG, Connie. Hoop Lore: A History of the National Basketball Association. McFarland, 2007, p. 234.

35. The New York Times, 17 de abril de 1992. Disponível aqui

A ERA MODERNA

Uma matéria do Bleacher Report publicada em 2009 é uma boa introdução para a era das redes sociais nos esportes e serve tanto para aquela época quanto para hoje: "Se você ainda não começou a usar Twitter, você está atrasado"[36] . Foi naquele ano que a rede social realmente explodiu nos Estados Unidos e começou a conquistar o mundo, e a NBA foi uma das grandes ligas esportivas a entrar na moda: naquele ano, absolutamente todos os times já contavam com um perfil oficial – 14 franquias estavam na rede em 2007 ou 2008, mas 16 chegaram apenas em 2009. Um ano depois, outra matéria do veículo já não tinha medo em fazer a afirmação que, assim como a anterior, segue verdadeira: "Nenhuma liga de esportes profissional abraçou a explosão das redes sociais como a NBA"[37] .

Hoje, todos aqueles envolvidos na liga, seja torcedores, atletas, técnicos ou executivos, sabem muito bem como funciona a rede social. Há um ambiente bastante coeso e autoconsciente sobre o que pode e o que não pode (ou não deveria) ser dito, e a comunidade existente por lá é tão grande que é referida entre seus participantes como "NBA twitter". Mas esse ambiente não se construiu do dia para a noite. Houve, na última década, um processo de aprendizado para todos e muitos deslizes cometidos nos primeiros anos.

São tantas histórias para abordar no processo de crescimento da relação entre liga e rede social que seria impossível tratá-las como um grupo geral. Apesar de todas as partes serem interligadas, podemos dividir tudo isso em três narrativas: o lado pessoal, o marketing e o lado profissional.

1 - O LADO PESSOAL

Redes sociais ainda eram algo muito novo no final da década de 2000. O MySpace vivia seu auge e o Facebook vinha crescendo em ritmo rápido, mas ainda havia pouquíssima "etiqueta virtual" sobre o uso correto das plataformas. Com o Twitter crescendo em popularidade de forma estrondosa, a chegada em massa de jogadores ocasionou dezenas de situações hilárias, constrangedoras e até incriminadoras.

Por um lado, a presença das estrelas nas redes sociais criou possibilidades de interações com torcedores que antes pareciam no mínimo improváveis. Falando o que viesse na cabeça, comentando sobre assuntos aleatórios e respondendo a fãs, esse fenômeno possibilitou a aproximação

36. Bleacher Report, 14 de junho de 2009. Disponível aqui

37. Bleacher Report, 15 de novembro de 2010. Disponível aqui

virtual entre aqueles responsáveis pelo show que milhões apreciavam de forma diária. Isso, inclusive, permitiu também abrir novas portas para pessoas que viriam a trabalhar com esportes, como é o caso de Alex Kennedy, diretor de conteúdo do BasketballNews.com.

"O Twitter facilitou a criação de relações com jogadores. Muitas das minhas relações com fontes começaram por lá, anos atrás, quando eu seguia jogadores, eles me seguiam de volta, conversávamos pela DM, trocávamos número de telefones e depois nos encontrávamos pessoalmente. Quando entrei no Twitter, pensava que era uma grande forma de networking, era minha visão inicial. Acho que o ClubHouse [rede social para bate-papo com áudio] é assim também, conhecendo pessoas com quem nunca tinha tido contato antes."

Apesar disso, houve muitos problemas nos primeiros anos dos jogadores na rede social porque, como a expressão popular implica, o Twitter ainda era "mato" – poucas noções de comportamento público online e informalidade muito maior que atualmente. Atletas viveram desde situações constrangedoras até episódios mais pesados. Há diversos exemplos possíveis de serem citados envolvendo estrelas e jogadores menos conhecidos, mas alguns dos melhores são JR Smith e Kevin Durant.

Em 2009, alguns veículos começaram a levantar uma discussão sobre possíveis ligações de JR Smith (na época atleta do Denver Nuggets) à gangue Blood, principalmente devido à sua forma de escrever tweets: ele trocava a letra C por K, aparentemente ato típico de membros da organização, como noticiou o The Denver Post [38]. Essas acusações nunca foram confirmadas e o jogador chegou a deletar a conta que usava na época, mas, numa nova conta em 2012, ele voltou a se envolver em polêmicas na internet ao postar uma foto de sua namorada nua em seu quarto. A liga precisou intervir e multou o atleta em US$ 25 mil, levando JR Smith a admitir que se arrependia da publicação. Na matéria sobre a multa, o Bleacher Report afirma corretamente que "esse é só mais um exemplo de como o Twitter pode levar problemas com a liga aos atletas. Eles precisam pensar duas vezes sobre qualquer coisa que possa ser questionável antes de postar online para o mundo ver"[39] .

Kevin Durant é mais um que é conhecido por ter uma série de tweets constrangedores – e engraçados, convenhamos – em sua rede social. Em 2010, ele publicou "Scarlett johanneson [sic] eu vou beber sua água do banho...#aleatório" e "#vocêjá acordou no meio da noite e pensou sobre uma garota que você gosta ou tá começando a gostar e senta no canto da cama e fala caramba eu quero ela", ambos tweets que hoje beiram a casa das 100 mil curtidas. Vale ressaltar que, enquanto esses tipos de publicações

38. The Denver Post, 3 de julho de 2009. Disponível aqui

39. Bleacher Report, 10 de março de 2012. Disponível aqui

mais ousadas não mais são feitos, KD ainda é bastante ativo na rede social, brincando com seguidores, provocando rivais e discutindo basquete, o que o torna um dos favoritos da comunidade na rede social. É interessante quando atletas mantêm essa proximidade aos fãs do esporte, não se distanciando completamente como outros.

Kevin Durant
@KDTrey5

#uever wake up n the middle of da night and think about a girl u like or startin to like and sit at da edge of the bed n say damn i want her

5:35 PM · 24 de fev de 2010 · Twitter Web Client

Postagem antiga de Kevin Durant (Foto: reprodução/Twitter)

2 - O MARKETING

As 30 contas de times e a conta oficial da liga postam, praticamente em tempo real, vídeos das melhores jogadas nas partidas. Mas, além delas, há centenas de páginas não-oficiais que também gravam momentos dos jogos e publicam no Twitter, ganhando muitos seguidores ao fornecer esse tipo de conteúdo à comunidade. E é exatamente aí que a NBA constrói uma vantagem significativa comparada a quaisquer outras grandes ligas de esportes.

O basquete é composto por momentos sensacionais: enterradas incríveis, cestas de três, arremessos no último segundo... As grandes estrelas da liga protagonizam lances que atraem tantos fãs ao redor do planeta e, como sabe o atual comissário Adam Silver, isso só ajuda a trazer mais alcance. "Os jogos são refeições e os *highlights* são petiscos"[40] . "Se fornecermos os petiscos para os fãs de graça, eles ainda vão querer consumir as refeições – os jogos. Acreditamos que mais engajamento de fãs através das redes sociais ajuda a aumentar os índices televisivos"[41] .

Enquanto a NBA promove a publicação de lances nas redes sociais e

40. The Wall Street Journal, 19 de novembro de 2015. Disponível aqui

41. Strategy+business, 30 de abril de 2018. Disponível aqui

em canais do YouTube – apesar de não poderem ser monetizados –, outras ligas lidam com isso de maneira muito mais dura. Na NFL, apenas em 2016 as páginas oficiais ganharam permissão para postar vídeos durante jogos, mas esse conteúdo não poderia ser de lances, apenas comemorações e coisas parecidas. Além disso, a NFL também foi responsável pela queda de diversos perfis com alcance enorme, mas que postavam vídeos restringidos pela política de direitos autorais da liga de futebol americano.

O esporte mais assistido dos Estados Unidos realiza uma "caça às bruxas" dos vídeos que falha em atrair fãs na plataforma mais rápida da atualidade, ao mesmo tempo que a NBA é um exemplo de extremo sucesso porque valoriza o próprio produto de uma forma diferente do comum ao expô-lo ao maior número de pessoas possível. Basta dar uma olhada nos posts mais curtidos de um dos perfis mais famosos do NBA twitter, Rob Perez (@WorldWideWob): já foram 16 posts com mais de 100 mil curtidas, incluindo grandes jogadas, lances históricos e até memes e momentos divertidos.

A rede social tornou-se uma forma extremamente efetiva de aumentar o alcance da liga e adaptar o marketing às gerações millenial e Z. Como estratégia de marketing e como ferramenta para produção de conteúdo, a NBA adotou o plano perfeito e merece ser congratulada por isso.

3 - O LADO PROFISSIONAL: PLATAFORMA PARA TODOS

Depois da temporada 2009-10, LeBron James tornou-se um agente livre irrestrito e poderia assinar com qualquer equipe que se interessasse. Depois de várias temporadas pelo Cleveland Cavaliers, time do Estado onde nasceu e onde ganhou o prêmio de MVP duas vezes, ele estava prestes a mudar de franquia em busca de um título. Qual o time, no entanto? Ninguém sabia.

Por isso, quando LeBron criou uma conta no Twitter, em 6 de julho daquele ano, surgiu um burburinho entre fãs sobre a possibilidade de a estrela anunciar sua escolha pela rede social. Sites como o Mashable debatiam o tema, e até a CNN repercutia essa chance ao falar sobre "a óbvia pergunta que a criação da conta levanta". Esse rumor acabou sendo desmentido logo no dia seguinte, quando foi oficializado que o anúncio aconteceria num especial televisivo na ESPN em horário nobre, no dia 8 de julho.

LeBron James
@KingJames

Hello World, the Real King James is in the Building "Finally". My Brother @oneandonlycp3 gas'd me up to jump on board so I'm here. Haaaa

5:15 PM · 6 de jul de 2010 · Twitter Web Client

Primeiro tweet de LeBron James (Foto: reprodução/Twitter)

Ao lado do jornalista Jim Gray, LeBron ficou no ar por pouco mais de uma hora para anunciar: "neste outono... isso é muito difícil. Neste outono, levarei meus talentos para South Beach e me juntarei ao Miami Heat. Sinto que isso me dará a melhor oportunidade de vencer por múltiplos anos, e não apenas vencer na temporada regular ou só cinco, três jogos em seguida. Quero poder ganhar títulos".

O evento foi, ao mesmo tempo, um sucesso e um fracasso. A The Nielsen Company informou que 13.1 milhões de estadunidenses estavam ligados na ESPN no momento do anúncio, concretizando aquele que foi um grande espetáculo de individualidade. No entanto, LeBron acabou se tornando um grande vilão da liga em uma hora: ao se juntar a Dwyane Wade, "abandonar" Cleveland e participar de um evento tão grande, foi criticado por anos a fio por ser considerado traidor e, principalmente, ególatra. No geral, a transmissão foi extremamente criticada por uma exacerbação da personalidade que, querendo ou não, tende a fazer parte da vida de superestrelas.

Novas formas de anúncio ainda seriam experimentadas nos anos seguintes. Foi assim que o The Player's Tribune, site cuja proposta é dar plataforma para que atletas se expressem diretamente para os torcedores, cresceu e trouxe diversos anúncios em primeira mão, com mensagens escritas pelos atletas em primeira pessoa, não através de jornalistas ou agentes. Entre 2015 e 2016, muitas decisões extremamente impactantes para o futuro da NBA foram anunciadas lá.

Em março de 2015, a lenda Steve Nash anunciou sua aposentadoria no

texto "Vida Após Basquete"[42] . Em julho daquele ano, Kevin Love anunciou que voltaria ao Cleveland Cavaliers no texto "Negócios Inacabados", equipe onde foi campeão na temporada seguinte[43] . Em novembro, Kobe Bryant anunciou sua aposentadoria através do poema "Querido Basquete", que acabou virando um curta-metragem vencedor de Oscar antes de sua morte, em 2020[44] . Já em julho de 2016, o anúncio mais polêmico de todos: Kevin Durant jogaria pelo Golden State Warriors, equipe que o eliminou em sua última temporada pelo Oklahoma City Thunder após estar liderando uma série por 3-1. Após o texto "Meu Próximo Capítulo"[45] , ele se tornou o mais novo vilão da liga, alvo de atenção e críticas por muito tempo.

Com o passar dos anos, no entanto, a The Players' Tribune acabou se tornando mais um espaço para jogadores fazerem reflexões e menos anúncios. Assim, com as redes sociais em plena ascensão, os jogadores começaram a usar suas próprias plataformas para fazer grandes decisões sobre suas carreiras. Se há uma década isso ainda era totalmente improvável e provavelmente chocaria tanto jornalistas quanto fãs – como no caso de LeBron James – , hoje não passa de mera formalidade no mundo da notícia na NBA e nos outros esportes, claro.

O próprio LeBron James viveu algo semelhante em 2018, quando estava de saída do Cleveland Cavaliers e ainda não se sabia qual equipe o contrataria. Como já acontecia desde os anos anteriores, os fãs esperavam um tweet dos jornalistas Adrian Wojnarowski (ESPN) ou Shams Charania (na época no Yahoo, hoje no The Athletic), os principais nomes para *breaking news* na liga. O que de fato aconteceu foi... no mínimo curioso e precisa ser contextualizado.

Um dos nomes mais influentes no mundo empresarial ao redor da liga hoje é o de Rich Paul, amigo próximo de LeBron desde o começo da carreira da estrela. Em 2012, ele criou a Klutch Sports Group, agência que ganhou uma evidência de tamanho absurdo nos últimos anos, principalmente após a noite de 1º julho de 2018. Num anúncio surpresa, a página oficial do grupo postou uma declaração afirmando que LeBron James havia assinado um contrato de quatro anos com o Los Angeles Lakers. A conta, no entanto, não era verificada e contava com apenas 14 mil seguidores, o que levantou muitas dúvidas nos fãs quando a publicação se tornou viral.

42. The Players' Tribune, 22 de março de 2015. Disponível aqui

43. The Players' Tribune, 2 de julho de 2015. Disponível aqui

44. The Players' Tribune, 29 de novembro de 2015. Disponível aqui

45. The Players' Tribune, 4 de abril de 2016. Disponível aqui

KLUTCH
SPORTS GROUP

July 1, 2018

For Immediate Release

LeBron James, four time NBA MVP, three time NBA finals MVP, fourteen time NBA All Star, and two time Olympic gold medalist has agreed to a four year, $154 million contract with the Los Angeles Lakers.

###

Release da agência sobre LeBron James (Foto: reprodução/Twitter)

O primeiro jornalista a confirmar o release foi Adrian Wojnarowski, três minutos depois da publicação da Klutch Sports. Mesmo assim, ainda havia fãs com dúvidas sobre a veracidade do anúncio – que, obviamente, era real. Desde então, a página ganhou o selo de verificação e quadruplicou em número de seguidores, sendo talvez o ponto marcante para que a Klutch e a influência de LeBron se tornassem notórias para os fãs médios.

Dois meses depois, em setembro de 2018, Anthony Davis demitiu seu agente e assinou com a Klutch em meio a rumores de que ele se juntaria aos Lakers. Em janeiro de 2019, ele pediu abertamente uma troca para sair do New Orleans Pelicans e, em junho de 2019, AD foi oficializado como novo colega de LeBron. Desde a chegada do melhor jogador do planeta, os Lakers assinaram com outros sete atletas da Klutch, coincidência ou não.

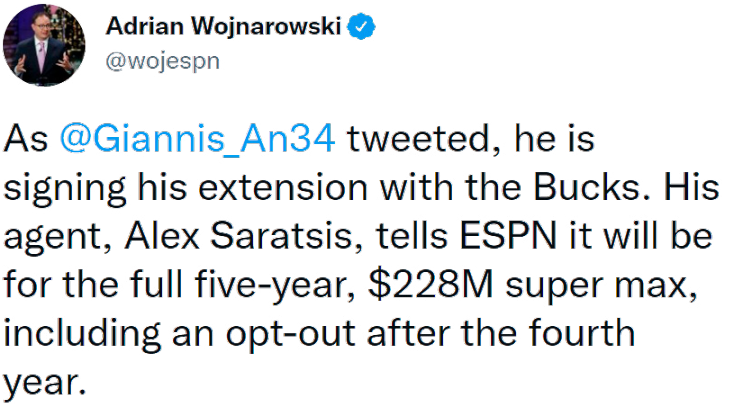
Apesar de o anúncio de LeBron James não ter sido feito diretamente em suas redes sociais e sim nas da agência, ele teve extrema importância para o desenvolvimento dela, e a divulgação feita antes dos jornalistas é apenas um exemplo. No entanto, podemos encontrar exemplos ainda melhores vindos de outros grandes nomes usando suas redes para anunciar planos de carreira, como Giannis Antetokounmpo e LaMarcus Aldridge.

Giannis Antetokounmpo, MVP duas vezes consecutivas em 2019 e 2020, havia passado sua carreira inteira no Milwaukee Bucks, mas ainda não havia conquistado grande sucesso nos playoffs. Seu contrato termina-

ria no final da temporada 2020-21, e, apesar de sempre ter expressado sua lealdade a Milwaukee, havia rumores de que ele poderia deixar a franquia. Finalmente, em dezembro de 2021, ele anunciou no Twitter e no Instagram que "o show continua" por mais cinco anos.

Antetokounmpo anunciando sua renovação (Foto: reprodução/Twitter)

Assim como no caso de LeBron saindo para os Lakers, a permanência de Giannis foi noticiada pelos grandes repórteres minutos após a publicação original do atleta. Shams Charania primeiro, Adrian Wojnarowski em seguida, ambos num intervalo de menos de cinco minutos. A publicação de Woj chega a citar o tweet como fonte e depois complementa com a apuração dos valores do contrato.



Woj cita o anúncio de Giannis e expande com detalhes (Foto: reprodução/Twitter)

Por último, o caso mais recente – e talvez mais chocante, porque não havia nenhum rumor sobre o assunto – foi a aposentadoria de LaMarcus Aldridge, uma estrela da liga da década pelo San Antonio Spurs e Portland Trail Blazers. No dia 23 de março de 2021, ele assinou um contrato com o Brooklyn Nets, mas só disputou cinco jogos pela equipe até sentir um mal-estar. Três semanas depois, surpreendendo a todos, ele publicou uma declaração em sua conta oficial do Twitter anunciando sua aposentadoria devido a uma arritmia cardíaca. Segundo ele, o problema foi sentido na sua última partida pela NBA, afirmando que "foi uma das coisas mais assustadoras que já experienciei". Foi uma carta pessoal, escrita pelo próprio jogador para os fãs do basquete e, aparentemente, também a única fonte para os jornalistas sobre a situação.

Anúncio de aposentadoria de LaMarcus Aldridge (Foto: reprodução/Twitter)

Mais que nunca, os atletas têm usados suas próprias plataformas para informar. Elas deram a possibilidade de os maiores astros do esporte deixarem de ser "reféns" da informação alheia, podendo participar ativamente das discussões e serem os primeiros a tratar de temas que, no fundo, são eles os envolvidos. Essa, obviamente, é mais uma das significativas transformações que impactam o jornalismo.

PARTE 2

UMA REVOLUÇÃO: COMO O JORNALISMO QUE COBRE A NBA FOI COMPLETAMENTE TRANSFORMADO NAS ÚLTIMAS DÉCADAS

COMO ERA COBRIR A NBA ANTES DAS REDES SOCIAIS?

De certa forma, praticamente todo jornalista que chegou a cobrir a NBA antes da década de 1990 sente falta daqueles tempos. O trabalho dos repórteres foi transformado significativamente depois que a NBA se tornou uma organização de "estrelas do rock" e continuou mudando à medida que novos meios de comunicação foram introduzidos junto às massas. Comparar os ofícios jornalísticos de antigamente aos atuais é como comparar a situação da liga entre as duas épocas: a diferença é como a que existe entre o dia e a noite.

Até a década de 1980, basquete ainda era indiscutivelmente o terceiro esporte dos estadunidenses. Enquanto toda a fama e atenção eram focados no futebol americano e beisebol, a NBA passava por maus bocados e isso fazia dela um perfeito "campo de treinamento" para novos repórteres. Ao contrário dos outros principais esportes dos Estados Unidos, a liga ainda era menos sigilosa e intimidadora. Isso é muito bem contado pelas entrevistas do livro From Hang Time to Prime Time, de Pete Croatto.

"[A NBA] era muito mais aberta, relaxada, amigável e amistosa com a mídia. Eu odiava cobrir beisebol. Eu tinha medo dele [do beisebol] nos anos 1980. Eles não me queriam lá, eu não queria estar lá. Não havia apoio para mim na MLB. Na NBA, se alguém mexesse comigo, David Stern ficaria sabendo em uma hora e a pessoa seria responsabilizada"[46], conta a jornalista Jackie MacMullan, uma das mais reconhecidas nos esportes norte-americanos.

Essa era a realidade do basquete até os anos 1990, aproximadamente. Enquanto os atletas de beisebol sabiam de sua relevância e do poder de suas marcas, os de basquete ainda estava por descobrir sua força. Obviamente, tudo isso mudou com o passar dos anos e a situação atual já não abre tantas oportunidades para jornalistas, como foi definido por Bob Ryan em uma frase: "antigamente, era tão diferente que parece ficção científica comparada a hoje".

Em entrevista exclusiva para este livro, o repórter relembra o dia a dia dos jornalistas que cobriam basquete antes da extrema popularização da liga. O maior ponto de enfoque é e sempre será o acesso praticamente ininterrupto que os escritores tinham aos atletas, técnicos e executivos das franquias. "Meu procedimento era ir aos treinamentos cerca de uma hora

46. CROATTO, Pete. From Hang Time to Prime Time: Business, Entertainment, and the Birth of the Modern-Day NBA. Simon and Schuster, 2020, p. 173.

antes do começo e ficar nos vestiários sem caderno, apenas conversando e criando relacionamentos. Fiquei sabendo os nomes das esposas, das namoradas, dos filhos. Você criava relações, assistia ao treino inteiro, aprendia as jogadas e, no final, pegava o caderno para fazer entrevistas". Após as partidas, os jornalistas esperavam os atletas dentro do vestiário, o que rendia pequenos detalhes curiosos de matérias que seriam extremamente incomuns hoje, como Walt Frazier chegando do jogo e gritando "cara, eu preciso de uma cerveja"[47] .

Essa proximidade entre repórteres e atletas era aprofundada pelo fato de que, diferentemente do que acontece hoje, as viagens para partidas fora de casa eram realizadas em voos comerciais. "Não havia aviões fretados, eram apenas linhas comerciais, então íamos aos aeroportos com eles, fazíamos check-in juntos, voávamos, pegávamos ônibus e íamos aos jogos juntos. Muitas vezes até comíamos e bebíamos juntos após as partidas. Era assim nos anos 1970, com os vestiários completamente abertos e com poucas pessoas ao redor", explica Bob.

Um outro jornalista de grande evidência na cobertura de basquete do século XX é Sam Smith, conhecido principalmente por seu trabalho sobre o Chicago Bulls. Ele reflete sobre os relacionamentos criados por esse acesso, entendendo a linha tênue entre amizade e trabalho. "É incomparável, porque eu passava literalmente o dia inteiro com jogadores dos Bulls. Precisávamos estar no aeroporto uma hora antes do voo, então estávamos no portão, no mesmo ônibus, no mesmo hotel. Hoje, eles têm seus amigos, sua família, mas não podiam fazer isso antigamente, então jantávamos, íamos ao cinema com eles. Se você estava no lobby e alguém falasse: 'ei, quer ir ao cinema?', você fazia isso, era rotineiro. Hoje, tenho certeza de que isso não existe mais."

Sam Smith publicou o livro Jordan Rules em 1992, que revelou um lado da personalidade de Michael Jordan que pouco era visto na mídia: sempre competitivo, sem dúvidas, mas menos simpático e muito crítico de seus companheiros – chegando a brigar e evitar certos jogadores durante partidas. Essas características hoje são senso comum duma figura extremamente conhecida, também graças ao excelente documentário The Last Dance, da ESPN, mas à época ainda eram pouco abordadas e só puderam ser publicadas devido à liberdade que os jornalistas tinham.

"Nenhum escritor poderia fazer hoje o que fiz com Jordan Rules – não porque não são talentosos, vários poderiam escrever – , mas porque aquele acesso não existe mais. Quando viajei com os Bulls nos anos 1980 e 1990, eles não tinham aviões privados, eram linhas comerciais e hotéis modestos. Se eu quisesse escrever sobre Larry Bird, eu entraria no ônibus dos Celtics e me sentaria ao lado dele para conversar. Se você contar isso para um jor-

47. RYAN, Bob. Scribe: My Life in Sports. Bloomsbury Publishing USA, 2014, p. 51-52.

nalista hoje, ele acharia impossível."

É por isso que a versão de 2012 do livro traz uma introdução bastante extensa abordando diversos temas relacionados a esse. "A mídia diária e as revistas podiam te dizer de forma esperto o que eles estavam vendo, mas, na verdade, as pessoas queriam o que estava atrás da cortina, dentro dos vestiários, no ônibus com os caras. Quem eles realmente eram? Como eram? Como era jogar com uma estrela como Jordan."[48] "Não havia fonte secreta. Todo mundo era a fonte. Essa é a melhor coisa sobre a NBA: é a única liga de esportes construída como uma cidade pequena. A NFL é como o Exército cheio de informações confidenciais. O beisebol é isolado e envolto em tradições obscuras."[49]

Obviamente, nem tudo eram flores. Com a liga ainda num processo de desenvolvimento e de superação de dificuldades, os próprios jornalistas sentiam reflexo disso ao precisar cobrir jogos, já que transmissões ainda não eram tão fáceis de se conseguir. Sem internet e com televisões locais sem disponibilizarem algumas partidas ao vivo para domicílios, as alternativas eram ouvir no rádio ou, como citado pelos jornalistas, viajar com as equipes – algo que não era necessariamente comum de acontecer.

"Só no meu terceiro ano como setorista que comecei a ir aos 82 jogos da temporada. Antes, eu ouvia pelo rádio com um narrador muito clubista chamado Johnny Most. Ele não era muito objetivo e era difícil decifrar a verdade sobre as coisas que ele falava", relembra Bob Ryan. Em seu livro My Life in Sports, conta outros detalhes da experiência: "Quando ele ficava animado, sua voz emitia um timbre estranho. Ele podia atingir uma faixa de alta frequência que culminava em um leve sussurro que chamei de 'apito de cachorro'. Em certos momentos grandes, Johnny ficava tão histérico que era impossível saber o que estava acontecendo. Uma noite, em Chicago, num jogo empatado ou com um ponto de diferença, houve uma falta importante no momento que John Havlicek acertou aquela que poderia ter sido a cesta vencedora e Johnny estava no modo apito de cachorro. A cesta valeu? Foi falta de ataque do Havlicek? Toco do Jerry Sloan? Quem saberia?"[50]

Como adendo ao tópico, esse foi um problema extremamente relevante até o começo dos anos 1980. Devido à falta de popularidade da liga e, obviamente, e pelo fato de a televisão ainda não estar em sua época de ouro, muitas partidas deixavam de ser televisionadas ao vivo ou só poderiam ser assistidas se os fãs estivessem dispostos a enfrentar dificuldades. O jornalista Sam Smith relembra: "eu cresci em Nova York e me lembro

48. SMITH, Sam. The Jordan Rules: The Inside Story of Michael Jordan and the Chicago Bulls. Diversion Books, 2012, p. 8.

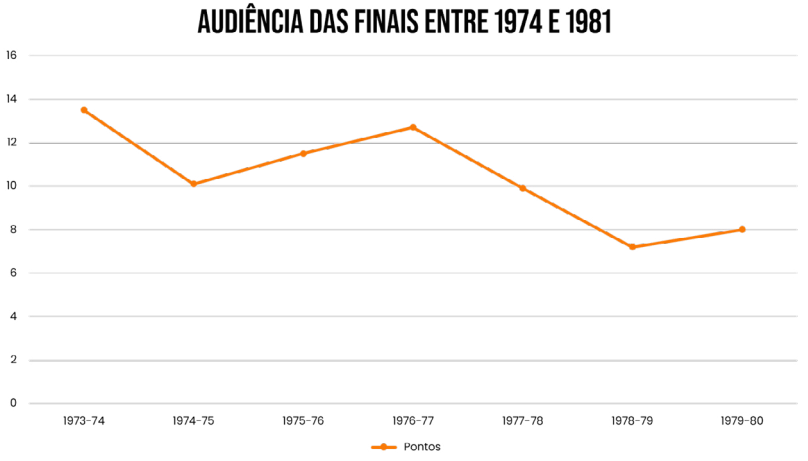
49. Ibidem, p. 21-22.

50. RYAN, Bob. Scribe: My Life in Sports. Bloomsbury Publishing USA, 2014, p. 47-48.

dos Knicks em ótimas séries de Playoffs contra os Bullets no final dos anos 1960, mas isso não passava na TV de casa. Tínhamos que ir ao bar onde eles compravam a transmissão – não conheço a tecnologia da época, mas os jogos de Playoffs não estavam disponíveis para assistir em casa."

Com a NBA passando por maus bocados no final da década de 1970 e no começo de 1980, a liga não era tão atrativa para o público geral e o interesse em transmitir partidas em rede nacional foi caindo a cada temporada que passava. Na temporada 1977-78, a queda nos números era tão grande que a partida com mais telespectadores foi o último jogo das Finais entre Celtics e Suns, que ficou em 442º lugar entre 730 programas exibidos durante aquele ano[51] . Enquanto isso, quatro das cinco melhores audiências pertenceram a eventos esportivos, com a liderança sendo do Super Bowl, da NFL.

Como resultado de fracassos competitivos, a emissora começou a temer que muitos jogos de basquete significassem perda significativa de audiência. Em 1978-79, numa tentativa de ganhar mais público com outros programas, a CBS não transmitiu ao vivo o Jogo 2 das Finais entre SuperSonics e Bullets, enquanto somente algumas afiliadas transmitiram o Jogo 4. Essas foram as primeiras ocasiões em que a emissora exibiu as partidas horas após o horário inicial, em formato de VT. As Finais daquela temporada tiveram a pior audiência da década, com míseros 7.2 pontos, como mostra a tabela do TV By The Numbers[52] , organização que reunia e analisava dados de audiência na televisão norte americana até fechar em 2020.



Fonte: TV By The Numbers

51. BECHTEL, Mark. **He Crashed Me So I Crashed Him Back:** The True Story of the Year the King, Jaws, Earnhardt, and the Rest of NASCAR's Feudin', Fightin' Good Ol' Boys Put Stock Car Racing on the Map. Little, Brown and Company, 2010, p. 138.

52. TV By The Numbers. Disponível aqui

Os péssimos números das finais de 1978-79 fizeram com que a CBS temesse que exibir mais jogos da liga seria prejuízo para suas filiais. Assim, a emissora fez de tudo para que a NBA fosse apenas um programa extra e não um verdadeiro atrativo na temporada de 1979-80: desde redução da cobertura diária até menos jogos ao vivo. A tendência de queda continuou, com a liga registrando apenas 6.4 pontos nos jogos de domingo, um número consideravelmente pequeno até quando comparado ao basquete universitário[53] .

Foi assim que a NBA atingiu a um de seus pontos mais negativos, numa temporada que pode ser considerada até constrangedora ao refletir sobre quão longe a liga chegou depois. Em maio de 1980, Los Angeles Lakers e Philadelphia 76ers se enfrentaram pelas Finais na primeira participação de Playoffs de Magic Johnson. O engraçado, num contexto que acabou meio trágico, é que essa série tinha bastante potencial. No dia do Jogo 1, o Los Angeles Times publicou uma matéria com o título "Finalmente, Finais da NBA com algum *glamour*", em que o autor Scott Ostler enfatizava que a abertura da disputa seria transmitida ao vivo: "Não será VT. Esses são jogadores prontos para o horário nobre, *baby*"[54] .

Essa empolgação não durou muito tempo, porque o Jogo 2 já seria transmitido através de VT em horários péssimos: 23h no Texas, 23h30 em locais da Califórnia e depois da meia noite em Estados como Oregon. Apesar disso, os Jogos 3 e 4 foram devidamente transmitidos ao vivo nas afiliadas da CBS, permitindo que os telespectadores presenciassem uma das jogadas mais impressionantes e marcantes da história da liga: Julius Erving, nos 76ers, infiltrou contra Mark Landsberger e Kareem Abdul-Jabbar, pulou, passou a bola por baixo da cesta e completou uma bandeja reversa de puro talento. Com aquele jogo, a série estava empatada em 2-2.

No Jogo 5, as transmissões voltaram a ser por videoteipe em boa parte do país. O Arizona Republic publicou uma matéria abordando o assunto e explicando, novamente, o contexto: "se você está bravo por ter que assistir a transmissão de hoje por VT, você não está sozinho. Fãs em Seattle, Salt Lake City, Denver, San Francisco e Portland também receberão a transmissão assim. Por quê? A audiência televisiva para jogos da NBA ainda está muito baixa. Estações locais não estão a fim de mudar sua programação de horário nobre ou de notícias locais para uma transmissão ao vivo"[55] . Assim, quem dormiu cedo perdeu a vitória dos Lakers com uma atuação majestosa de Kareem – que fez 40 pontos e conseguiu 15 rebotes – e sua lesão, uma torção de tornozelo no terceiro quarto que não o tirou daquela partida, mas sim do Jogo 6.

Jogo 6, inclusive, completamente histórico. Ainda novato, um garoto de

53. Sports Illustrated, 9 de novembro de 1981. Disponível aqui

54. The Los Angeles Times, 4 de maio de 1980. Disponível aqui

55. Arizona Republic, 14 de maio de 1980. Disponível aqui

21 anos, Magic Johnson assumiu a posição de pivô do lesionado Kareem e liderou o Los Angeles Lakers com 42 pontos, 15 rebotes e 7 assistências. No entanto, poucas pessoas assistiram essa partida ao vivo – além dos 18.276 presentes na arena, apenas 17 afiliadas da CBS decidiram passar o confronto no momento em que acontecia [56]. Hoje, é completamente inimaginável aceitar transmissões de qualquer evento esportivo de grande porte após seu acontecimento, mas, naquela época, boa parte dos fãs de NBA sabia de seus lugares na prioridade esportiva e televisiva nacional.

Justiça seja feita, no entanto: vale ressaltar a carta de um leitor do El Paso Times, publicada pelo jornal dias após o título dos Lakers, uma pequena curiosidade encontrada durante a pesquisa para este livro. "A decisão da CBS em passar VTs de quatro jogos das Finais reitera o desprezo da rede pelos fãs de esportes americanos. Diferente das últimas duas séries, a NBA teve dois times que provocam grande interesse nacional. Além disso, os dois jogadores mais renomados no basquete participaram da série (Jabbar e Erving). [...] Mesmo que o produto seja empacotado da forma mais efetiva possível e os números caiam em relação à programação normal, a rede tem a responsabilidade com aqueles que acompanham a temporada regular das tardes de domingo de transmitir as Finais como elas acontecerem"[57] .

Voltando às dificuldades exclusivas dos jornalistas, um outro ponto negativo relevante da relação próxima com os elencos geralmente começava de forma positiva. Enquanto Bob Ryan ainda não tinha a opção de viajar com o Boston Celtics, ele usufruía da excepcional disponibilidade do pessoal da equipe ao receber ligações do técnico Tom Heinsohn para uma entrevista pós-jogo. Essa relação amistosa com o treinador, no entanto, se deteriorou a ponto de levar o jornalista a dar uma pausa da cobertura de basquete.

"No começo, eu estava criando um relacionamento com os jogadores e um com o técnico de forma paralela. Era benéfico para ele ter uma relação comigo porque, naquela época, os jornais impressos eram número um nas coberturas de esportes americanos. Nós, o The Boston Globe, éramos de longe o jornal mais importante de New England; não a TV local, era o The Boston Globe. Eu era o representante do jornal e ele era um técnico novato, então era bom para ele me ter a seu lado. Com o passar do tempo, chegou um ponto em que certas coisas aconteceram e eu as via de forma diferente das visões dele, e isso porque eu era influenciado por algumas opiniões e atitudes de atletas. Ele se ofendeu com isso. Não posso colocar palavras em sua boca, e nós viramos amigos por 40 anos após isso, mas acho que ele pensou que eu o traí."

Se há quem diga que o jornalismo é, acima de tudo, sobre as pessoas, a cobertura de basquete antes da NBA ser a liga do glamour talvez tenha

56. News-Press, 16 de maio de 1980. Disponível aqui

57. El Paso Times, 20 de maio de 1980. Disponível aqui

sido um dos melhores exemplos consistentes dessa máxima. A maior parte do trabalho de um jornalista consistia na construção de relacionamentos de confiança, mesmo que involuntariamente. Isso estava fadado a mudar com o passar dos anos por uma série de fatores, alguns já citados neste livro, outros que serão abordados a seguir.

O primeiro é óbvio: a liga estava evoluindo financeiramente, ganhando status e fama. Esse foi um processo que passou muito pelas mãos de David Stern e os craques da liga, como Magic Johnson, Larry Bird e Michael Jordan. No entanto, isso não foi algo instantâneo e só começou a mostrar reflexos no nível de acesso dos jornalistas a partir da década de 1990. Foi, obviamente, um processo natural e comparável a qualquer outra organização ou celebridade individual que se elevou com a fama – eles tendem a ficar mais inacessíveis.

O que realmente criou um impacto inicial e significativo na relação imprensa-elenco foi o fato de as franquias começarem a usar voos fretados para levar seus atletas de cidade em cidade. Isso foi uma tendência que começou a ser observada mais intensamente em 1991, quando alguns jornais já traziam debates sobre o tema em suas seções esportivas. Em novembro daquele ano, o Deseret News (de South Lake City, Utah) trouxe uma matéria relativamente extensa discutindo o tema com entrevistas de técnicos e executivos. Nela, é possível observar que a ação ainda não era necessariamente apoiada de forma unânime na liga: o general manager do Utah Jazz, Tim Howells, afirmou que ainda não sabia se valia a pena abandonar voos comerciais, mas afirmou que já havia "mais voos fretados neste ano que ano passado" [58].

Alguns atletas não apoiavam a mudança, como Jeff Malone. Para eles, sair da arena para o aeroporto e só poder descansar ao chegar no novo hotel de madrugada era incômodo. "Você acaba indo dormir às quatro, cinco horas da manhã. Alguns caras conseguem aguentar isso melhor, mas eu não gosto." Apesar de alguma rejeição à tendência, a carta aberta escrita por David Robinson, estrela do San Antonio Spurs, explicava muito bem a realidade. Com certa agressividade em relação a Red McCombs, dono da franquia, a carta foi publicada em jornais locais e reproduzida em trechos no The Washington Post.

"Finalmente perdi a paciência. Tentei conversar com você de maneira civilizada, mas obviamente você não respeitou aquilo porque nada foi feito. Voar de forma comercial nos coloca numa desvantagem distinta, especialmente quando todo time que tem uma chance real em vencer o campeonato tem seu próprio avião e está dormindo em suas próprias camas."[59]

Como conclusão, atualmente todo time da NBA tem seus voos fre-

58. Deseret News, 13 de novembro de 1991. Disponível aqui

59. The Washington Post, 7 de dezembro de 1991. Disponível aqui

tados. Esse foi um momento crucial para o trabalho de criação de relacionamentos dos jornalistas, já que as viagens em conjunto, as esperas no aeroporto e contatos em lobbies de hotéis basicamente acabaram. As reclamações sobre horários, inclusive, são praticamente inexistentes hoje em dia – é mais comum observar fãs recebendo os jogadores em seus aeroportos locais de madrugada do que ouvir reclamações públicas dos atletas.

O terceiro fator, enfatizado por Sam Smith em sua entrevista ao livro e que se tornou um novo paradigma em relação ao nível de celebridades na liga, foi o crescimento do Chicago Bulls na década de 1990. A equipe de Michael Jordan foi protagonista de um fenômeno *à lá* Beatles (o que pode ser considerado um elogio para ambas as partes da comparação), com todos os olhos não apenas estadunidenses voltados para eles, mas do mundo todo. Não à toa essa foi a franquia que introduziu milhões de pessoas à NBA.

"[Jordan] se tornou um dos atletas mais famosos do mundo e em todos os lugares que [os Bulls] iam, havia pessoas. Eles quiseram se fechar um pouco, criaram um centro de treinamentos que a mídia não poderia ver nem o estacionamento, fizeram treinos fechados e restringiram o acesso à informação. Se você ganha fazendo isso, você ganha imitadores, como em qualquer outro negócio. Mais e mais times começaram a seguir essa ideia dos Bulls e isso nunca vai voltar a como era antigamente."

Gradativamente, aquele acesso irrestrito dos jornalistas citado anteriormente ia sendo limitado. Jornalistas deveriam esperar os jogadores fora do vestiário (um momento marcante que pode ser lembrado pela série-documentário The Last Dance, quando Dennis Rodman escapa pelos fundos do vestiário para não conceder entrevista – anteriormente, os repórteres já estariam lá dentro). Treinos teriam mais momentos de sigilo. As relações entre repórteres e atletas iam se definhando, pelo menos quando comparadas ao que já haviam sido antes da década de 1990.

Uma situação curiosa pode ilustrar a diferença, contada pelo jornalista José Renato Ambrósio, que cobriu *in loco* as Finais de 2014-15 entre Cleveland Cavaliers e Golden State Warriors, time pelo qual atuava o brasileiro Leandrinho. O armador havia conversado previamente com o compatriota, afirmando que estaria disposto a gravar materiais caso fosse campeão. "O Golden State é campeão em Cleveland e, pouco antes de acabar o jogo, já se forma uma fila no vestiário. Se chegássemos no final, teríamos que esperar, não caberia todo mundo. Eu já estava na posição, a imprensa americana começou a entrar, mas quando foi a nossa vez, um policial nos barrou. Mostrei a credencial, mas ele: 'não, você não vai entrar'. A transmissão já rolando, todo mundo entrando, eu perdendo tempo com o Leandrinho." No final, José Renato e o cinegrafista conseguiram a permissão para presenciar a comemoração do título, e ele explica que as preocupações sobre o acesso podem ter sido a causa do problema: "Um policial de Cleveland, com Golden

State campeão... acho que ele estava com medo de acontecer alguma coisa".

A outra transformação impactante no jornalismo que cobre a NBA foi menos sobre as relações e mais sobre a produção. Obviamente, as mudanças que serão descritas a seguir não são exclusividade das coberturas esportivas e podem ser observadas de forma praticamente universal em todas as áreas, mas a característica final é a que mais diferencia a NBA de outros tópicos que o jornalismo aborda.

As falas de Bob Ryan sobre o jornal The Boston Globe ser o maior representante do basquete dos Celtics revelam bastante sobre o passado das coberturas da NBA. Talvez até devido ao desinteresse do público pelas coberturas das redes nacionais, os veículos impressos tinham soberania na produção de conteúdo jornalístico de NBA. Lá, estavam as programações de jogos da noite (com o canal onde seriam transmitidos ou os horários do VT), notícias relevantes, matérias especiais, boxes de serviços com pequenos resumos e histórias e, provavelmente o carro-chefe dos cadernos esportivos de basquete, as crônicas pós-jogos.

"Outro dia, eu estava conversando com meu antigo chefe e disse que não há mais apreciação pela escrita, as pessoas só querem a informação. Antigamente, eu tinha orgulho em escrever literalmente uma história do jogo, com começo, meio e fim. [...] Quando eu estava começando, nós pegávamos todas as informações e levávamos às pessoas porque elas precisavam disso, não tinham acesso a elas. Hoje todo mundo tem." Quando Bob conta sobre seu processo de escrita dos resumos das partidas, vale lembrar das entrevistas via telefone que ele fazia com o técnico Tom Heinsohn para demonstrar que havia um foco muito maior no detalhe, no ato de contar histórias, do que apenas na informação.

Sam Smith completa com algo bastante interessante e que reforça a ideia de Bob Ryan sobre a falta de informações facilmente acessíveis ao público: "Algo que tínhamos antigamente, entre os anos 1980 e 1990, que sinto que se perdeu no jornalismo é que os fãs não poderiam assistir todos os jogos naquela época, então todos os jornalistas tinham um Caderno do Domingo. Ali, você faria um resumo do que aconteceu durante a semana, entraria em contato com jogadores, técnicos e general managers de forma geral. Quase ninguém faz mais isso."

Tendo isso em mente, vale a pena partir em busca dos importantes pós-jogos citados aqui para entender de forma detalhada como eram suas construções. Para isso, serão usadas matérias de Bob Ryan no The Boston Globe durante a década de 1980, já que a equipe dos Celtics teve bastante sucesso nos anos anteriores aos do Chicago Bulls, time que Sam Smith cobria.

"Eles entregaram. Eles tinham prometido esforço. Eles tinham prometido movimentação de bola. Eles tinham prometido um ânimo que estava sumido daqui desde o sexto jogo da série de Playo s contra Philadelphia. O que eles não tinham prometido era uma vitória, mas, para o prazer de um público barulhento com 15.320 pessoas, sem mencionar a audiência televisiva, os Celtics conseguiram até entregar a maior recompensa pelo apoio da torcida, uma vitória por 114-106 na abertura da temporada contra o Houston Rockets, no Garden, na noite passada."[60]

Com esse primeiro parágrafo, Bob Ryan iniciou sua crônica sobre a abertura da temporada 1979-80, publicada no The Boston Globe em 13 de outubro de 1979 (no dia seguinte à partida). Nos trechos posteriores, ele continua descrevendo a torcida e construindo um contexto, uma narrativa que constitui parte essencial das "histórias" contadas sobre as partidas, como ele mesmo descreveu. É assim que, mesmo antes de introduzir detalhes sobre o que aconteceu durante os 48 minutos de disputa na quadra, ele complementa o relato com uma entrevista relevante. "'A torcida', disse um rouco Bill Fitch após sua estreia como técnico de Boston, 'foi fantástica'".

É só quando esses primeiros elementos de introdução à história – podendo até ser considerados uma união entre jornalismo esportivo e jornalismo literário – que o desenvolvimento da reportagem começa a surgir. É elaborada uma linha do tempo da partida, que chega ao momento de clímax ao mostrar que a vantagem construída pelo Boston Celtics no terceiro quarto foi se desmanchando no último período. "Com 8:43 [minutos] para o fim, a liderança que já tinha chegado seis vezes a ser 12 [pontos], pela última vez em 77-65, tinha caído para 94-90, e os torcedores estavam claramente preocupados. Eles se perguntavam se esse time tinha alguma garra ou se tinham a coragem de uma ameba como os das últimas duas temporadas". Consegue perceber também um humor ácido? Mais um toque de literatura no texto.

"A resposta veio rapidamente, e com os dois expatriados de Detroit, [ML] Carr e [Chris] Ford." Neste parágrafo, os detalhes são exibidos com bastante relevância para a crônica da partida, já que foram as jogadas dos dois atletas no último período que possibilitaram a vitória da equipe. "A cada conjuntura perigosa, um dos dois chamaria a responsabilidade. Então foi Carr que venceu o relógio com um arremesso de 17 pés de distância em 100-96; Carr que respondeu uma cesta de três de Rick Barry com um arremesso para fazer 106-101; Carr que driblou pela linha de fundo e deu

60. The Boston Globe, 13 de outubro de 1979. Disponível aqui

um lindo passe para Mawell para a cesta do 108-102; ou Ford que, com agilidade de uma raposa, roubou um passe de Rudy White e passou para Robey para uma enterrada de contra-ataque que deu a liderança aos Celtics, 110-102, faltando 2:51 para o fim."

Depois de um parágrafo analisando certos aspectos táticos e técnicos da partida da equipe, o texto termina com a conclusão de uma verdadeira história da partida: não um resumo, uma história. "A atuação teve ramificações que podem nunca ser medidas precisamente. Muito foi escrito e falado sobre uma 'nova' atitude, um 'novo' Cowns (13 rebotes), um 'novo' Archibald e um totalmente 'novo' ataque passador construído ao redor de Bird. Precisava-se de provas. Os fãs vieram. Eles viram. Eles gritaram. É difícil acreditar que eles não retornarão." [61]

Enquanto essas matérias de meia página (ou notas menores de temas relevantes, como análises individuais) eram costumeiras, um outro tipo de conteúdo também foi produzido pelo The Boston Globe, dessa vez bastante extenso. Quando os Celtics conquistaram o título da NBA em 1985-86, batendo o Los Angeles Lakers, o jornal dedicou incríveis 28 páginas para contar histórias e narrar a trajetória daquele elenco campeão. Espalhados nesse enorme dossiê, estavam mini perfis das principais figuras do time – não tão detalhados quanto as obras de Gay Talese, mas ainda assim, interessantes de analisar numa perspectiva jornalística. Vale a pena transcrever o de Larry Bird em partes, ocultando apenas os trechos que narram suas atuações da temporada para não encher este livro de estatísticas.

"Quem saberia? Quem poderia saber que Larry Bird acabaria sendo tão bom?

Como todos os verdadeiros gigantes, desde [Bill] Russell a [John] Havlicek até [Dave] Cowens, Larry Bird superou expectativas. Draftado como um potencial salvador de franquia, ele na verdade se tornou o símbolo de basquete nesta cidade. É como se as melhores partes de todos os heróis anteriores dos Celtics fossem coletadas e empacotadas neste atleta espetacular.

Ele admira de cima o mundo do basquete atual de seu Olimpo pessoal. Em sete temporadas, jogou em três times campeões. Segue Bill Russell e Wilt Chamberlain como MVP três vezes e é o primeiro jogador que não é pivô a ganhar o prêmio mais que duas vezes. Desde 1964, quando Oscar Robertson ganhou o prêmio, até 1981, quando Julius Erving foi escolhido, apenas pivôs eram julgados dignos do prêmio. Agora, Bird o

61. The Boston Globe, 13 de outubro de 1979. Disponível aqui

havia feito de posse privada.

[...]

A essa altura de sua carreira, nada que Bird faça ou diga surpreende as pessoas. Quando Bird fala, pessoas interessadas no basquete ouvem, porque, quando se retiram as sintaxes de Indiana [sua terra natal], descobre-se os trabalhos de uma mente de basquete muito afiada.

Ele é Larry Bird, e é claramente o Sr. Basquete. Hoje e sempre."[62]

Apesar de uma porcentagem relevante dessas páginas ter sido ocupada por propagandas, é muito interessante notar como boa parte das marcas organizaram propagandas desejando parabéns aos Celtics e fazendo referências à franquia, não apenas promovendo seus produtos. A página A5 foi ocupada integralmente pela cerveja Miller Lite, com uma enorme ilustração de todos os banners de títulos da equipe, um slogan e uma mensagem que diziam, respectivamente: "um brinde por mais um ano de banner" e "Miller Lite parabeniza o Boston Celtics pelo título da NBA. Novamente.", em tradução adaptada. Na página A6, a marca de espuma de barbear Edge gel ilustrou seu produto com a tampa sendo retirada: "tiramos o chapéu para os Celtics". Na página A11, a Star Market ilustrou atletas dos Celtics destruindo um foguete (nome do Houston Rockets, em inglês) com ferramentas presumidamente compradas na loja.

A lógica do impresso é bem diferente das outras mídias principalmente pelo fato de que as informações só serão publicadas quando o jornal for publicado. Uma matéria exclusiva programada para a versão matutina não pode ser resumida em menos palavras para adiantar sua publicação, assim como os jornalistas não podem soltar informações de última hora com o mínimo de detalhes possíveis caso a próxima versão a ser impressa seja o jornal noturno. Tudo isso tende a levar o repórter a se aprofundar mais no tema, trazer dados e histórias relevantes para fornecer contexto ao leitor.

Para quem cresceu na era digital e nunca teve o costume de ler jornais de forma consistente, surge um misto de sensações ao explorar arquivos e acervos como o espetacular Newspaper.com, que reúne centenas de jornais norte-americanos, o do New York Times ou até da Folha de S. Paulo, num contexto mais brasileiro. Primeiro, amedrontamento, já que há muito conteúdo produzido e misturado. Finalmente, deslumbramento com histórias que nunca seriam relembradas se não fosse pelos jornais, pelos impressos. Este trabalho, por exemplo, jamais seria escrito se dependesse

62. The Boston Globe, 10 de junho de 1986. Disponível aqui

exclusivamente de arquivos televisivos ou de redes sociais, ambos às vezes de difícil alcance e talvez perdidos, deletados.

"As coisas mudaram dramaticamente, mas não culpo os jornalistas", afirma Sam Smith.

O PRESENTE DA RELAÇÃO IMPRENSA-NBA

A partir dos anos 1980, a "exclusividade" que os jornais impressos tinham sobre a cobertura foi diminuindo gradativamente. A televisão começava a aparecer como uma das grandes formas de disseminação de conteúdo esportivo nos Estados Unidos, o que, obviamente, criaria um paradigma no que se refere à transmissão de informações e opiniões. Assim, todos aqueles pontos que são discutidos exaustivamente nas aulas de jornalismo do século XXI se aplicaram à essa transição: algumas características já existentes através do rádio, como a velocidade de comunicação e personificação dos apresentadores e repórteres, mas com a grande novidade da imagem do jornalista.

É claro, apesar de todas os problemas, a NBA já tinha contratos de transmissão de partidas desde a década de 1950. Nem sempre ao vivo, nem sempre os melhores jogos, nem sempre com apoio de executivos que temiam queda na venda de ingressos, mas o fã de basquete médio estava acostumado a pelo menos uma equipe de transmissão passar informações no horário da partida. No entanto, o surgimento da ESPN foi um passo fundamental para a evolução do jornalismo na liga.

"Em 7 de setembro de 1979, entramos no ar às 19h no fuso-horário do Leste. Não sabíamos se alguém estaria assistindo. Não fazíamos ideia se o satélite estaria funcionando. Então fizemos uma contagem regressiva do 10 e todo mundo segurou a respiração, até que Lee Leonard entrou com aquelas famosas palavras que introduziram a ESPN ao mundo."[63] Como lembra o cofundador do canal, Bill Rasmussen, um canal de televisão dedicado totalmente a esportes era um experimento nunca tentado previamente. Num mundo ainda dominado por impresso e rádio, toda aquela tentativa poderia falhar (talvez até através de uma superexposição considerada desnecessária pelos fãs da época). Obviamente, não falhou.

63. ESPN Front Row, 4 de setembro de 2019. Disponível aqui

"Se você é um fã - se você é um fã -, o que verá nos próximos minutos, horas e dias a seguir poderá te convencer que você está no céu dos esportes. Através daquele horizonte azul está um mundo sem limites de esporte e, agora, você está na beira do amanhã: esportes 24 horas por dia, sete dias por semana, com a ESPN." - **Lee Leonard**

Não é preciso dizer que o canal transformou o meio do jornalismo esportivo, porque isso parece bastante óbvio. No entanto, uma transformação essencial que o crescimento da televisão nos esportes proporcionou não era necessariamente direcionada aos fãs e sim àqueles que investigam, produzem e divulgam as notícias. Mais do que nunca, os jornalistas tiveram um reconhecimento público de seus trabalhos, tornando-se literalmente figuras notórias e iniciando um processo real de celebrização dos repórteres.

"Quer saber o poder da televisão? Eu poderia estar em Bellingham, Washington ou em Coral Gables, na Flórida; em Caribou, Maine, ou em Chula Vista, na Califórnia; em Cody, Wyomng ou Valdosta, na Geórgia, e provavelmente eu seria reconhecido na rua. Certamente não é porque as pessoas me conhecem como alguém que passou 46 anos escrevendo pelo The Boston Globe. A razão pela qual eu sou reconhecido em aproximadamente 350 de 365 dias em qualquer ano é porque tive sorte o suficiente de estar em rede nacional por boa parte dos últimos 25 anos. Mesmo antes de começar a fazer programas na ESPN, no entanto, aprendi sobre o impacto da televisão. Não importa se é horário nobre ou não; alguém está assistindo, mesmo que seja duas da manhã." [64] Bob Ryan resume bem a importância da TV na elevação do status de jornalistas.

Depois da transição de impresso para TV, uma outra mudança significativa começa a acontecer a partir do final da década de 2000. Como abordado na parte anterior do livro, 2009 foi um divisor de águas para a notabilidade do Twitter no meio do jornalismo. Já com todas as franquias com contas oficiais naquela rede e muitos usuários começando a notar a velocidade da comunicação permitida por ela, era natural que começasse a ser usada para disseminar informações.

Isso ficou claro quando, em 17 de junho de 2009, Kevin Love acabou soltando uma informação que ainda não era oficial em sua conta. Depois de uma fraquíssima temporada pelo Minnesota Timberwolves, em que a franquia venceu apenas 31% de suas partidas, o treinador Kevin McHale seria demitido do cargo: "Hoje é um dia triste... Kevin McHale NÃO

64. RYAN, Bob. **Scribe:** My Life in Sports. Bloomsbury Publishing USA, 2014, p. 110-111.

retornará como técnico nesta temporada." Esse tweet não está mais disponível na página de Love nem pela ferramenta do Internet Archive, o que indica a possibilidade de ter sido deletado ainda na época.

Esse caso foi um evento que abriu os olhos de diversas pessoas sobre o poder da rede social – uma delas, o jornalista Jon Krawczynski, que cobre os Timberwolves pelo The Athletic e que falou sobre o tema em entrevista. "Isso foi antes do time anunciar qualquer decisão [sobre o futuro de McHale como técnico]. Nessa época, o Twitter ainda era novidade e foi assim que todos descobriram a rede. 'Uau, é uma nova forma que a mídia pode se comunicar com o público'. Saiu disso, de 10 anos atrás, para um dos meios principais de disseminar informações porque é tão rápido e imediato."

Uma matéria do MinnPost, jornal online de Minneapolis, trouxe detalhes bastante esclarecedores sobre como um vazamento daquele, através das redes sociais e não pela mídia tradicional, havia impactado jornalistas. O *lead* já começa de forma interessantíssima, mas diversos detalhes suplementares, como a ausência de selo de verificação das contas (que só começou a ser disponibilizado na metade daquele ano) fazem do texto um excelente retrato da transformação em curso na época.

"Não é a Revolução Iraniana, mas o ala-pivô dos Timberwolves, Kevin Love, tweetando sobre a demissão de Kevin McHale como técnico oferece um bom caso de estudo sobre como a mídia local integra redes sociais no jornalismo tradicional.

[...]

Qualquer uma das 10 mil pessoas que seguem Love receberam a notícia na hora - entre elas, o produtor executivo de esportes da Fox9, Seth Kaplan, que se autodeclara como coruja da noite e se tornou o primeiro repórter tradicional a postar a notícia à 1h09 [horário local, duas horas antes do horário de Brasília].

O post original de Kaplan não tinha nenhuma outra fonte - ele meramente contava ao resto do mundo o que Love havia dito. Devido à recente controvérsia sobre contas fakes de celebridades no Twitter, como Kaplan sabia que @kevin_love [hoje, o jogador usa @kevinlove] era o Kevin Love de verdade? 'Eu tive alguns negócios com ele; sabia que ele estava tweetando', Kaplan diz. "Eu tinha mais informações que apenas sua página no Twitter."

Kaplan não deixou a história esfriar. Ele tinha o número de celular de Love, mas, devido ao horário, mandou uma mensagem para a estrela para confirmação.

Love respondeu e, dentro de 20 minutos após a publicação da matéria original, Kaplan adicionou uma linha dizendo que 'FOX 9 Sports confirmou que Love falou com McHale na noite da terça-feira pouco antes de postar a mensagem no Twitter.'

Enquanto isso, o autor da AP Jon Krawczynski ainda estava bem acordado após cobrir a partida do [Minnesota] Twins na noite de terça. Ele também segue Love - e o chama de 'um dos twitteiros mais ativos' - e estava prestando mais atenção devido à incerteza do futuro de McHale como treinador.

Krawczynski chama os próximos 90 minutos de 'desesperadores. Toda a coisa foi… vou tirar meu editor da cama em Nova York à 1h30 da manhã por causa de algo no Twitter?'

Assim como Kaplan, Krawczynski diz que a autenticidade de Love não estava em dúvida. A maior discussão interna na AP era se Love era uma fonte com autoridade suficiente para noticiar sobre McHale. Ou, como Krawczynski coloca, 'ele está na posição de saber o que sabe?'

Krawczynski, que publicou sua matéria à 1h46, foi o primeiro da mídia tradicional a usar falas de uma segunda fonte. Como seu texto nota, 'após ver a postagem, uma pessoa na liga ouviu que McHale mandou uma mensagem para Love indicando que ele não voltaria. A pessoa pediu anonimato porque nenhum anúncio oficial foi feito.'"

O texto ainda conta a história do site Your Voices e finaliza exaltando o processo de apuração que continua extremamente necessário para o jornalismo: "No final, todos os três fizeram o que organizações de imprensa precisam fazer cada vez mais: verificar e melhorar notícias geradas pelos usuários"[65]. Essa matéria revela bastante sobre a grande novidade no jornalismo esportivo da época e que, sem dúvidas, trouxe debates internos nos veículos sobre como proceder frente às novas formas de orientação, além de apimentar o debate sobre jornalismo online na área do estudo da comunicação.

Assim, o Twitter foi se tornando o espaço das notícias rápidas, as *breaking news*. Diferenciando-se dos meios tradicionais, a rede social se tornou basicamente um serviço de manchetes, até devido ao limite de 140 caracteres por post (que foi aumentado para 280 em 2017), e isso foi fundamental para mudar a forma que o público adulto consome informação. Em seu estudo de 2010, Sheffer e Schultz chegaram à seguinte conclusão: "Os

65. MinnPost, 17 de junho de 2009.. Disponível aqui

resultados deste estudo apontam uma potencial mudança no paradigma da mídia noticiosa. Como uma das mais novas e mais populares tecnologias da nova mídia, o Twitter parece ser a linha de frente de uma revolução na criação e distribuição de conteúdo noticioso."[66]

Obviamente, essa transição para um mundo de notícias dominado pelo Twitter não aconteceu do dia para a noite com completa aceitação dos veículos tradicionais. O jornalista Alex Kennedy, do BasketballNews.com, relembra um conflito que viveu anos atrás: "De vez em quando eu soltava notícias no Twitter, postava alguma frase de jogadores, e meu chefe se reuniu comigo para falar que eu trabalhava para eles, não para a rede social – como se fossem veículos concorrentes. Na época, ele não entendia isso, então acho que demorou um pouco para pessoas mais velhas ou menos tecnológicas para entender que o Twitter poderia ser uma ferramenta que ajudaria os jornalistas a contar histórias em vez de fazer sempre o mesmo. Agora isso é a norma, mas antes era meio louco."

Isso é observado nos documentos de orientações para redes sociais da ESPN, publicados e disponibilizados pelo ESPN Front Row, que fornece detalhes sobre os bastidores da empresa. No documento "Social Networking For Talent and Reporters", de agosto de 2011,

"• **Pense antes de tweetar.** Entenda que você está representando a ESPN em todo momento, e o Twitter (como outras redes sociais) oferece o equivalente a um microfone ao vivo. Regra simples: se você não diria algo ao vivo ou escreveria em uma coluna, não poste em nenhuma rede social.

• **Pense antes de re-tweetar.** Propositalmente ou não, a disseminação de tweets alheios sob seu nome representa um endossamento daquele conteúdo – e pode até ser interpretado como informação que você está noticiando. Se re-tweetar um conteúdo impreciso ou inapropriado, ele pode manchar sua credibilidade e a da ESPN.

• **Não solte notícias de última hora no Twitter.** Queremos atender os fãs na esfera social, mas a primeira prioridade são os esforços de notícias e informações da ESPN. Notícias públicas (como anunciadas em conferências de notícias) podem ser distribuídas sem necessidade de permissão. No entanto, notícias com fontes ou proprietárias devem ser examinadas pela TV ou redações digitais. Uma vez noticiadas em uma plataforma da ESPN, aquela notícia pode (e deve) ser distribuída no Twitter e em outros sites sociais."[67]

66. SHEFFER, Mary; SCHULTZ, Brad. **Paradigm Shift or Passing Fad?** Twitter and Sports Journalism. International Journal of Sport Communication, 2010, p. 482.

67. ESPN Front Row, agosto de 2011. Disponível aqui

O documento é finalizado com "Entendemos que esse é um espaço que se move rapidamente, e essas orientações serão alteradas conforme garantido. Qualquer violação dessas orientações pode resultar em uma série de consequências, incluindo, mas não limitadas a, suspensão ou demissão." Assim, mostrou-se uma preocupação em relação ao conteúdo noticioso ser transmitido primeiramente em algum lugar relacionado diretamente à ESPN, como na televisão ou no site. Apesar de esse item ainda existir nas orientações disponibilizadas pela empresa em 2017 – claro, citando a necessidade de permissão de repórteres para soltar notícias de última hora –, essa preocupação de ter as redes como secundárias já não parece mais tão realista.

Com o passar dos anos, o Twitter foi se concretizando como o melhor local para receber notícias urgentes do basquete norte-americano. Um dos primeiros momentos em que isso ficou evidente foi no Draft da NBA de 2011, quando Adrian Wojnarowski, na época jornalista da Yahoo Sports, revelou escolhas de diversos times na primeira rodada do evento. Poucos minutos antes do comissário David Stern anunciar a decisão, Woj já tinha postado em seu perfil: "Os Timberwolves já alertaram a equipe de Derrick Williams: eles irão draftá-lo com a escolha nº 2."

Adrian Wojnarowski
@wojespn

The Timberwolves have already alerted Derrick Williams' camp: They're drafting him with the No. 2 pick.

8:43 PM · 23 de jun de 2011 · Twitter Web Client

Assim, começaram algumas brincadeiras que seguem acontecendo até hoje em momentos de grande suspense como o Draft. Vaias virtuais, reclamações e comentários chamando jornalistas de "estraga-festa" e "inimigos do entretenimento" – principalmente de fãs brasileiros – tornam-se comuns, mas sempre num tom divertido e apreciativo do trabalho realizado por eles.

Hit the Glass
@HitTheGlass

Woj acabando com o draft da galera. Acertou mais uma

8:56 PM · 23 de jun de 2011 · TweetDeck

É interessante notar que a internet como um todo facilitou o trabalho dos jornalistas, promovendo maior flexibilidade em sua profissão, e isso é observado ao redor do globo. O comentarista esportivo Ricardo Bulgarelli relembra dos tempos em que trabalhava na Band, na década de 1990: "havia uma dificuldade para conseguir informações. Nós tínhamos um fax direto dos Estados Unidos para o qual ligávamos e digitávamos os números. 'Digite 3 se você quer a classificação', 'digite 4 se você quer os jogos de hoje', tudo em inglês. Você ia digitando, apertando enter, e quando ia imprimir vinha uma quantidade absurda de informações. Era uma realidade que, hoje, só de pensar dá preguiça". Seja no Twitter ou com uma simples pesquisa no Google, os dados são cada vez mais acessíveis para todos, especialmente para os jornalistas que precisam deles para trabalhar.

Todos os temas discutidos aqui, no entanto, levantam três questões importantíssimas para a compreensão desse fenômeno existente no jornalismo esportivo, que estão amplamente conectados e serão abordados a seguir: conflito entre profundidade e veracidade com velocidade; o impacto das redes sociais na televisão; e o próximo nível de celebrização dos repórteres.

1 - PROFUNDIDADE E VERACIDADE X VELOCIDADE

Um dos grandes desafios dos jornalistas no Twitter sempre foi passar o contexto correto por trás de seus posts mesmo com limite de caracteres. Apesar de a rede social já permitir posts maiores, é praticamente impossível trazer todos os detalhes sobre uma determinada notícia em apenas 280 caracteres – quer dizer, até em uma matéria escrita ou uma reportagem audiovisual sem limites de tamanho e tempo é complicado transmitir o contexto completo. Como lidar com algo tão fundamental para a trans-

missão correta das informações?

"A questão do Twitter é que ele virou o placar, se isso faz sentido. Para pessoas como Woj, Shams, Adam Schefter na NFL, Jeff Passan no beisebol, virou um placar: se você conseguir postar antes, às 20h31, e seu competidor postar às 20h32, você foi o primeiro. Woj poderia ter a notícia primeiro, mas ele pode ter decidido falar sobre isso ao vivo no SportsCenter, só que é tarde demais! Shams já tweetou! Agora você precisa soltar a notícia no Twitter, porque se você postou antes lá, você foi o primeiro". Essa explicação de Royce Young pode ser observada na prática em dezenas de eventos anuais da temporada da NBA, mas principalmente na Trade Deadline, último dia em que trocas entre equipes são permitidas, e no começo da Free Agency, período em que jogadores sem contrato podem assinar com outras franquias.

Após o fechamento da janela de trocas em março de 2021, o perfil oficial do StatMuse, um dos maiores portais de estatísticas de esportes norte-americanos, publicou o resultado do "duelo" por *breaking news*: Adrian Wojnarowski foi o primeiro a publicar 11 negociações, Shams Charania publicou seis em primeira mão, e nenhum outro repórter no país conseguiu alguma notícia antes deles. Nos comentários do post, há discussões que se assemelham muito às de fãs de times ou de jogadores debatendo sobre quem é melhor: "Woj domina Shams", "Shams ainda é o GOAT [sigla para maior de todos os tempos]!" e, como se comparasse características de dois atletas em quadra, um comentário diz "É assim todo ano. Shams domina o verão [Free Agency] e Woj domina a Trade Deadline. Woj tem proximidade com os executivos e Shams é próximo dos jogadores".

O comentário citado no parágrafo anterior, inclusive, estava certo. Um novo post do StatMuse, dessa vez na abertura do período de assinaturas de jogadores livres, mostrava novamente o placar com ênfase: "*A ESTATÍSTICA MAIS IMPORTANTE*", em que Shams havia anunciado nove assinaturas na primeira hora; Woj, seis. Essas discussões se tornaram parte do cotidiano de boa parte da comunidade que gosta de NBA e, obviamente, retrata a realidade do jornalismo moderno nas redes sociais: há um grande apreço por ser o primeiro e, mesmo que isso não necessariamente seja o que move o trabalho dos grandes repórteres, sem dúvida influencia aqueles que ainda não estão neste nível.

Assim, surge um possível problema graças à faca de dois gumes que é o jornalismo nas redes sociais: já que notícias de primeira mão garantem ao profissional e ao veículo mais engajamento e mais alcance devido à velocidade de reprodução da internet, aspectos fundamentais do bom jornalismo podem ser negligenciados – ou tratados com menos importância do que o ideal – para favorecer a velocidade de publicação. Isso, como esperado, aumenta o risco de divulgação de fake news que, apesar de fazerem parte do

jornalismo desde sempre, são ainda mais impactantes no século XXI.

Um dos melhores exemplos sobre essa situação na NBA foi o trágico acidente de helicóptero que matou Kobe Bryant, sua filha Gianna e mais 7 tripulantes em janeiro de 2020. Em um misto confuso de notícias verdadeiras e falsas, veículos e jornalistas foram alvos de críticas devido à inconsistência das informações reportadas na mídia, com cada parte divulgando algo diferente: quantos teriam morrido? As filhas de Kobe estavam com ele? Sua esposa Vanessa também estaria voando? Seria o ex-jogador o único membro da família Bryant no helicóptero?

A notícia foi publicada primeiramente pela TMZ, veículo conhecido por reportar notícias de celebridades (incluindo mortes) em primeira mão, num tweet com link para seu site às 16h32 no horário de Brasília[68] . A matéria inicial afirmava que "KB deixa sua esposa Vanessa e suas quatro filhas"[69], indicando que ele estava sem companhia familiar no voo. Horas depois, o site atualizou o texto para incluir a morte de Gianna Bryant e reelaborando a frase citada para "KD deixa sua esposa Vanessa. Juntos, eles tiveram quatro filhas."[70] Às 19h57, um novo tweet do veículo mostrava a situação para seus seguidores[71] . Em contraste à TMZ, o jornalista Matt Gutman entrou ao vivo na ABC, durante a transmissão do Pro Bowl da NFL, e afirmou que todas as quatro filhas de Kobe Bryant estavam no helicóptero que se acidentou. Essa notícia foi desmentida e o veículo se tornou alvo de muitas críticas, chegando a suspender o repórter, como indicaram notícias menos de uma semana depois do ocorrido [72].

A transformação na velocidade das notícias tem afetado todos os meios de comunicação e, assim, os sites de veículos também se adaptam para uma produção mais rápida de conteúdos de última hora para evitar atrasos indesejáveis a usuários que podem estar navegando pelo portal online. Se na época em que o impresso dominava o jornalismo esportivo os repórteres não tinham tanta pressa na escrita porque havia poucas edições do jornal por dia, na internet é preciso usar métodos que possibilitem o adiantamento do trabalho, como a criação de um protótipo de matéria salvo em rascunho no sistema ou offline.

"Algo que tenho feito para tentar combater isso [necessidade de publicar rapidamente]: se você recebe migalhas sobre algum negócio que pode estar acontecendo, em vez de reportar esses rumores... vamos usar a troca do Westbrook para os Rockets, em que eu estava no meio recebendo e ouvindo

68. TMZ, Twitter, 26 de janeiro de 2020. Disponível aqui

69. TMZ, 26 de janeiro de 2020. Disponível aqui

70. TMZ, 26 de janeiro de 2020. Disponível aqui

71. TMZ, Twitter, 26 de janeiro de 2020. Disponível aqui

72. Sports Illustrated, 30 de janeiro de 2020. Disponível aqui

informações: o que fiz foi deixar a matéria escrita, deixando espaços para preencher os detalhes da troca. Meu editor tinha a história salva lá e, quando a troca aconteceu, só foi necessário publicar. Temos usado essa estratégia de escrever previamente grandes matérias e colocar os detalhes depois. O fato de ter colegas tão atualizados, como o Woj, ajuda ao te deixar por dentro das coisas e mostrar as linhas dos tempos", explica Royce Young.

Na prática, um dos pontos mais importantes para qualquer veículo/jornalista deveria ser a credibilidade, como lembra o professor Edward Wasserman em seu artigo "Threats to Ethical Journalism in the New Media Age"[73] . Como argumenta, a corrida é sempre por ser o primeiro a soltar um furo, o que leva ao questionamento sobre os padrões de trabalho: "quando uma matéria está completa o suficiente, verdadeira o suficiente, para ser publicada? E se a internet permite que o trabalho seja corrigido depois, estamos agora em um negócio de publicação antes de edição? Isso é moralmente aceitável, uma vez que consideremos o estrago que meias-verdades e inverdades podem causar?"

Esse embate entre velocidade e detalhamento pode ser estendido para o tópico de celebrização dos jornalistas, no fenômeno que os torna personalidades de interesse público, num nível acima do profissional de imprensa tradicional. A frase "jornalistas não devem se tornar a notícia" vai cada vez menos sendo aplicada na prática e, obviamente, causam as situações abordadas aqui e nas páginas seguintes.

2 - IMPACTO DAS REDES SOCIAIS NOS OUTROS MEIOS

"Em todas as reuniões que tenho na ESPN, todo mundo está tentando resolver essa questão." Royce Young resumiu bem esse tópico em sua entrevista para o livro, concedida quando ainda era empregado pelo veículo, antes de se juntar ao setor de comunicação do Oklahoma City Thunder. A verdade é que, com o Twitter se tornando a fonte número um para informações de última hora, são as outras formas de comunicação que devem se adaptar ao redor dele, e não o contrário.

Como maior repórter de basquete da ESPN, Woj é talvez o melhor caso de estudo para entender como profissionais têm se adaptado à necessidade de informar em vários meios. Na madrugada de 25 de março de 2021, que seria o último dia da temporada em que equipes poderiam trocar atletas, Wojnarowski estava ao vivo no SportsCenter com Scott Van Pelt quando recebeu uma informação. À 1h26 (horário de Brasília), ele se concentrou no celular, pediu um tempo para o apresentador e, em cerca de 10 segundos, o tweet estava publicado: "O Detroit Pistons está trocando Delon Wright para

73. WASSERMAN, Edward. Threats to Ethical Journalism in the New Media Age. Spring 2010, Vol. 21. No.2. Disponível aqui

o Sacramento Kings pelo armador Cory Joseph e duas escolhas de segunda rodada, fontes informam a ESPN." O diálogo daquele momento entre os dois no programa foi uma verdadeira demonstração do que acontece hoje neste mundo, quase poupando o trabalho do escritor deste livro.

"- [...] Os Raptors estão ignorando todas aquelas ofertas, além daquelas por Norman Powell. E... eu tenho uma pequena troca para você aqui, Scott, espere.

- Lá vamos nós! Notícia de última hora, bomba do Woj! Sabia que algo estava acontecendo, ele começou a olhar para o celular e ficar todo nervoso.

- Eu sei, eu sei. Eu nunca faço isso com você. Essa foi uma pequena: Detroit está trocando Delon Wright para os Kings pelo armador Cory Joseph e duas escolhas de segunda rodada, fui informado. Esse é o começo, passamos da meia noite e é o último dia de trocas, e essa é uma que...

- Woj, você está tweetando isso? Você está tweetando isso porque tem mais seguidores que pessoas nos assistindo e é importante ter aquela marca de tempo. Eu sei que isso é uma moeda para vocês. Mas voltando ao Lowry..."[74]

Isso foi tão marcante que um dos usuários mais famosos da comunidade de basquete na rede social, Rob Perez (@WorldWideWob), postou o momento e alcançou 12.800 curtidas e 347 mil visualizações no vídeo. A própria ESPN reproduziu o vídeo em seu site oficial e no canal oficial do YouTube, NBA on ESPN, como um ato de metajornalismo que mostra que esse destaque à corrida pelo tweet acaba virando conteúdo espetacularizado disponível para todos os seus outros meios.

Além disso, um outro ponto que complementa o tópico abordado anteriormente é em relação ao contexto e aos detalhes. Se um tweet permite apenas 280 caracteres, o jornalista tem a possibilidade de publicá-lo com as informações essenciais – como um lead, basicamente – e dar sequência à notícia em outro meio. Assim, é comum ver Woj e Chris Haynes publicando a notícia e, um tempo depois, comentar um link para a matéria completa no site de seu veículo sob o post original. Dessa forma, é possível ampliar e esclarecer mais sobre o que já havia sido passado ao público quando tal fato aconteceu. No caso de repórteres com presença na televisão, Royce Young explica: "Se Woj fala que alguém foi trocado para o Milwaukee Bucks, então ele pode entrar ao vivo em seguida no SportsCenter para te

74. NBA on ESPN, YouTube, 25 de março de 2021. Disponível aqui

trazer o contexto da troca, como foram as conversas, as negociações. A notícia em si vai no Twitter, os detalhes vão para a TV. Foi assim que ficou."

Existe ainda uma forma de comunicação que usa do audiovisual como a televisão, mas de forma online: as *lives*. Cada vez mais populares no mundo do jornalismo esportivo em geral, essas transmissões ao vivo através de redes sociais têm apostado na adaptação do formato televisivo à velocidade da internet e acontecem principalmente na Twitch e no YouTube, mas também no Twitter. É possível se lembrar de alguns exemplos nos últimos tempos, como a *stream* do jornalista de futebol europeu Fabrizio Romano na Twitch, que chegou a ter mais de 70 mil telespectadores ao mesmo tempo, e a rede de esportes Stadium, onde Shams Charania trabalha, ao vivo no Twitter por horas durante eventos principais da NBA.

"Algo que temos experimentado são transmissões ao vivo, e acho que isso também impacta a TV. Fizemos uma *stream* na noite do Draft e tivemos 150 mil visualizações; fizemos na Trade Deadline reagindo a todos os rumores, com 120 mil visualizações. As pessoas estavam comentando que era exatamente o que elas estavam procurando, porque não havia nada ao vivo na ESPN daquela forma – tinha notícias esporádicas, mas não havia 4 horas seguidas de reações e rumores para que você não perdesse nada. É uma nova forma de conversar com os seguidores, com entrevistados, executivos, jornalistas, jogadores e outros. É uma nova forma que o Twitter tem evoluído e vai continuar impactando o jornalismo esportivo, porque agora também há a imagem", explica Alex Kennedy, do BasketballNews.com.

No fundo, ainda há uma desconexão entre Twitter e outros meios tradicionais, principalmente devido ao fato de que boa parte dos usuários não clicam em links de matérias (apesar de o número de cliques ter aumentado após a rede ter introduzido um aviso que aparece antes de compartilhar artigos, segundo o time da Twitter Communications[75]) e ao óbvio declínio da televisão entre o público jovem. Esses fatores, somados ao fato de que tweets por si próprios não geram lucro aos veículos, podem ser considerados empecilhos para as empresas jornalísticas. No entanto, o jornalismo deve estar onde o povo está, como bem enfatiza Jon Krawczynski:

"As pessoas são menos dependentes de jornais e televisão, querem a informação direto em seu celular. Como imprensa, temos que estar onde os consumidores querem estar. Não podemos esperar que eles voltem para os tempos de jornais impressos ou apenas dependendo de sites – se eles fazem isso, ótimo, mas normalmente querem a informação rápida e isso vem pelo Twitter, Instagram e outras [redes digitais]. As pessoas querem suas notícias assim e não podemos mudar os hábitos delas. Se não seguirmos, somos abandonados."

75. Twitter Comm, 24 de setembro de 2020. Disponível aqui

3 – UM OUTRO NÍVEL DE CELEBRIZAÇÃO DOS JORNALISTAS

Como Bob Ryan escreveu, ele não é reconhecido na rua em 95% dos dias do ano devido ao seu trabalho como escritor, "sem rosto", e sim devido à sua aparição constante na televisão depois da década de 1980. Podemos chamar esse fenômeno de celebrização dos jornalistas, um processo natural devido à exposição de suas imagens nos meios audiovisuais (e que, convenhamos, pode ser bastante comparado ao dos jogadores), mas antes da popularização do Twitter, os profissionais de imprensa estavam quase sempre com suas personalidades vinculadas aos veículos em que trabalhavam.

Essa é a grande mudança das redes sociais no fenômeno que eleva jornalistas a status de pessoa pública de grande fama. Até a primeira década do século XXI, fãs de esportes só acompanhariam repórteres quando eles aparecessem na televisão, no rádio ou escrevessem matérias para o impresso porque, fora isso, não havia forma rápida de acessá-los. Hoje, no entanto, é possível chegar na página de alguém nas redes sociais em menos de 10 segundos e ler todas as postagens que se desejar – não através da empresa que o jornalista trabalha, mas sim em seu perfil, com seu nome, com sua foto, com sua própria credibilidade e com uma grande quantidade de seguidores.

"Quando você está começando, é muito útil trabalhar na ESPN, no The Athletic, no jornal, mas, quando começa a usar a internet para criar sua própria marca, isso vira algo diferente para o leitor. 'Eu não sigo tanto a ESPN, sigo Jon Krawczynski, sigo Adrian Wojnarowski'. Se você mudar de veículo, você tem uma grande base que te seguirá no outro. Isso é algo interessante que tem acontecido nos últimos cinco, dez anos. Woj, por exemplo, estava no Yahoo, construiu uma base inacreditável lá e foi para a ESPN; se ele deixar a ESPN amanhã e criar o Woj.com, teria milhões de pessoas o seguindo porque ele fez um grande trabalho e tem uma base gigante. As pessoas são menos dependentes das grandes organizações hoje do que eram há 15, 20 anos, quando todos estavam atrás do que a The Star Tribune havia publicado, por exemplo", explica Jon Krawczynski.

Com a grande quantidade de usuários nas redes sociais, jornalistas têm atingido números de alcance gigantescos e que, em alguns casos, se aproximam aos de celebridades midiáticas e até grandes atletas dos esportes que eles mesmos cobrem. Em setembro de 2021, Adrian Wojnarowski registrava 4.9 milhões de seguidores no Twitter e 2 milhões no Instagram, por exemplo, e diversos outros jornalistas ultrapassam a marca de centenas de milhares de seguidores. Como ilustrado em tópicos anteriores, repórteres conquistam verdadeiros fãs que acompanham seus trabalhos, o que é ao mesmo tempo interessantíssimo e preocupante.

Em 2019, o Oklahoma City Thunder foi eliminado pelo Portland Trail Blazers graças a um arremesso histórico de Damian Lillard no estouro do

cronômetro do Jogo 5. Royce Young, cuja maioria dos seguidores era torcedora do Thunder, foi então realocado pela ESPN para cobrir os Blazers no restante dos Playoffs, o que causou estranhamento e críticas de diversos leitores. Quando lembrado deste momento na entrevista para o livro, ele riu e explicou a situação: o trabalho do jornalista raramente se resume a uma coisa só, mas sua base de fãs normalmente espera que o padrão seja mantido.

"Algumas pessoas se sentem territoriais em relação a quem elas seguem, como se eu fosse o 'cara do Thunder'. Eu não trabalho para o Thunder, trabalho para a ESPN, faço o que a ESPN me diz para fazer [atualmente, Young realmente trabalha para o Thunder, mas ainda não havia sido contratado quando a entrevista foi realizada]. Com o tempo, as pessoas se acostumaram comigo escrevendo sobre outros times, mas, no começo, era: 'espera... traidor! O que está fazendo? Você nos traiu!" Acho que muitas pessoas entenderam que esse é nosso trabalho, mas a maioria dos meus seguidores ainda são torcedores do Thunder, fãs do Westbrook, e percebo que minhas matérias não relacionadas a esses temas não vão tão bem em curtidas e compartilhamentos – por exemplo, matérias sobre Damian Lillard. É a natureza dos seguidores. O que esperamos é que as pessoas apreciem o trabalho que você faz, seu estilo de escrita, seu trabalho de jornalismo, em vez de te usar apenas como veículo de notícias sobre o time favorito delas. É o que você espera que aconteça, não é sempre, e às vezes as pessoas perguntam por que você está escrevendo essa matéria. Nessa altura, é só... desculpa! Tenho que fazer o que paga as contas."

Assim como qualquer usuário e celebridade, no entanto, jornalistas não estão imunes aos efeitos psicológicos das redes sociais: a busca por curtidas e por audiência pode afetar seus trabalhos de forma negativa. De tempos em tempos é possível observar a ascensão de repórteres independentes que ganham seguidores devido a possíveis furos de negociações (muitas vezes se mostrando equivocados) e que, quando contestados, tendem a tentar se defender de qualquer maneira possível – um bom exemplo aconteceu na intertemporada de 2019, com os diversos rumores acerca do futuro de Anthony Davis.

"Acho que isso muda a forma que as pessoas tratam seu trabalho, porque os repórteres são tão suscetíveis a isso quanto todos os outros: eles querem tweets virais, querem aquilo que lhes dê atenção e seguidores, porque isso impacta sua carreira. Se há mais pessoas lendo e compartilhando seu trabalho, é bom para você. Isso pode impactar a forma que você pensa no trabalho, na forma que tweeta, porque penso que repórteres podem ficar presos no contador de seguidores, na atenção e nos retweets, e podem ficar procurando isso. É um desafio que muitos têm que lidar", explica Royce Young.

Com isso em mente, é necessário observar os aspectos problemáticos da dominância das redes sociais no jornalismo atual. Segundo Josh Robbins, setorista do The Athletic e presidente da Professional Basketball Writers Association, a situação só é negativa caso algumas das noções básicas que regem o comportamento social do jornalista sejam ignoradas.

"É um caminho perigoso para se seguir apenas se algumas coisas acontecerem: falta de aplicação de ética do jornalismo é um problema, outro é quando jornalistas se tornam mais notícia que seu trabalho. Aquela frase 'não vire a história' é correta, porque há uma tendência das pessoas nas redes sociais em mostrar muito de sua personalidade e isso toma lugar das notícias. Shams Charania e Wojnarowski não fazem isso e são famosos por seus trabalhos, parabéns para eles por isso, mas há pessoas que veem o Twitter como um lugar para fazer piadas e até ganham mais seguidores com isso, mas, na análise final, estão prestando um desserviço para si e para o jornalismo."

Na primeira parte da obra Post-Industrial Journalism: Adapting to the Present, os autores escrevem três parágrafos que simbolizam extremamente bem o que foi discutido neste tópico.

"Este trabalho é parte pesquisa e parte manifesto, um que se preocupa com a prática do jornalismo e com as práticas dos jornalistas nos Estados Unidos. Não é, no entanto, sobre 'o futuro da indústria de notícias', tanto porque o futuro já está aqui e porque não há

mais algo como indústria de notícias.

Havia uma, mantida junta pelas coisas comuns que mantêm uma indústria existindo: similaridade de métodos entre um relativamente pequeno e coeso grupo de negócios, e a inabilidade de qualquer um fora desse grupo em elaborar um produto competitivo. Essas condições não são mais verdadeiras.

Se você quisesse resumir a última década do sistema de notícias em uma única frase, seria: Todo mundo de repente ganhou muito mais liberdade. Os jornalistas, os propagandistas, as startups, e, principalmente, as pessoas anteriormente conhecidas, como a audiência, ganharam nova liberdade de se comunicar [...] por fora das velhas estruturas de transmissão e modelos de publicação. Os últimos 15 anos viram uma explosão de novas ferramentas e técnicas e, mais importante ainda, novas suposições e expectativas, e essas mudanças destruíram a antiga clareza."[76]

UMA NOVIDADE: CRIAÇÃO DE CONTEÚDO

Além das mudanças discutidas em relação ao jornalismo moderno, as redes sociais também permitiram o surgimento de uma nova forma de participação nas discussões esportivas. O número de criadores de conteúdo independentes aumenta consideravelmente a cada temporada da NBA, um fenômeno que permite a pessoas comuns, não necessariamente jornalistas, se comunicarem com pessoas de interesse parecido (torcedores do mesmo time ou fãs do mesmo esporte, dependendo do teor das contas), repassarem informações e compartilharem de um senso de comunidade maior ainda. Ainda por cima, é possível ser anônimo, se assim desejar.

Não é preciso passar muito tempo na comunidade de basquete do Twitter para notar grandes páginas que distribuem informações postadas pelos principais repórteres, fazem interações com os torcedores, organizam *threads* e até criam vídeos de análises – um trabalho de cunho jornalístico, de fato, mas realizado por pura paixão pelo esporte, mesmo sem qualquer conexão a um veículo e, principalmente, sem remuneração. Como dito no parágrafo anterior, há basicamente dois tipos de perfis: aqueles dedicados a um time só e aqueles dedicados a cobrir a liga inteira, ambos sendo extremamente co-

76. ANDERSON, C. W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Post-Industrial Journalism: Adapting to the Present. Columbia Journalism School, p. 1.

muns nos Estados Unidos e no Brasil, onde a comunidade de NBA já atinge uma grande audiência. Como esse fenômeno pode ser observado com muita clareza aqui no país, este capítulo abordará prioritariamente as páginas brasileiras, trazendo um enfoque mais local (apesar de tudo se aplicar aos EUA e, provavelmente, dezenas de outros países mundo afora).

Centenas de contas fazem parte de um grupo conhecido como "NBAtt", uma soma de NBA e da abreviação de Twitter, que interage entre si num ecossistema que gira ao redor do basquete. Nem sempre o ambiente é harmonioso, como pode-se esperar quando o assunto é esportes, mas a norma é que todos tendem a apoiar os trabalhos alheios. Na enorme maioria das vezes, os perfis são anônimos, têm nomes criativos relacionados à liga e, em diversas contas maiores, é possível observar a existência de uma equipe em vez de uma organização solitária, podendo ser composta desde gerentes de mídias sociais até designers e editores de podcasts.

1 - PÁGINAS DEDICADAS À COBERTURA DE TIMES

Sem dúvidas o tipo de perfil mais comum na comunidade, as *fanpages* de franquias são criadas por torcedores que desejam interagir com fãs do mesmo time. No Twitter brasileiro, há pelo menos uma conta para cada um dos 30 times – mesmo os menos aclamados e com menos cobertura na mídia tradicional estadunidense e, como consequência, internacional – e várias têm dezenas de milhares de seguidores, devido a um trabalho de longo prazo. Alguns dos pioneiros nesse "ramo" são Lakers Brasil (@LakersBrasil, na rede desde 2009), Celtics Brasil (@celticsbrasil, também desde 2009) e Miami Heat Brasil (@MiamiHeatBrasil, desde 2010), mas mais e mais contas foram criadas principalmente a partir de 2015.

Por serem portais independentes, nem sempre as condutas e métodos de produção são os mesmos entre si. No entanto, há alguns produtos que parecem se repetir em praticamente todas as páginas que realizam um trabalho jornalístico e que poderia muito bem ser vista de alguma forma no contexto de mídia tradicional: cobertura de jogo e análises, além de reprodução de notícias relevantes para sua base de seguidores, mas esse ponto será abordado melhor nas páginas seguintes.

Boa parte dos perfis cobrem a enorme maioria das partidas da temporada pela linha do tempo do Twitter. Dependendo do desempenho da franquia, ela pode disputar até 110 partidas no ano (e várias podem acontecer depois da meia noite no horário de Brasília), então algumas inconsistências são esperadas e normais, já que a atividade é um hobby. Em relação ao formato de cobertura, há diversas formas de realizá-la e elas dependerão exclusivamente do perfil em análise. Alguns fazem questão de postar o placar a cada jogada relevante, outros apenas comentam lances atrativos,

por exemplo. De qualquer forma, isso é algo que pode ser divertido para as pessoas por trás dos perfis e extremamente útil para os torcedores que não podem assistir ao jogo por algum motivo.

Red Nation BR 🇧🇷 (de 🏠)
@RedNationBR

Jalen Green, que não joga desde o 2º quarto, ainda é o cestinha do #Rockets no jogo. Scottie Barnes com apenas 2 pontos (0-5 FG, 0-2 3P).

Quem veio pelas estrelas, ficou decepcionado.

Do lado do #Rockets , bom jogo de Alperen Sengun 7 pontos (3-7 FG, 1-2 3P), 9 rebotes e 3 AST.

10:39 PM · 12 de ago de 2021 · Twitter Web App

O outro aspecto marcante dos chamados "perfis sérios" sobre times é a quantidade de análises envolvendo as equipes para as quais torcem, variando desde simples tweets a longas *threads* e conteúdos mais trabalhados ainda, como podcast e vídeos. Pela própria natureza do mundo dos esportes, discussões sobre qual jogador é melhor, por exemplo, são extremamente comuns e rendem horas de debate na rede social. Uma série de tweets feitos em

2020 por Red Nation BR, torcedor do Houston Rockets, comparava James Harden a Stephen Curry por suas trajetórias, estatísticas e premiações individuais. A primeira publicação do fio teve 675 curtidas, 66 comentários, 86 compartilhamentos e 67 retweets com comentários, exemplificando como essas discussões são bastante comuns e interessantes de se observar.

Conteúdo analítico também é produzido fora da rede, mas divulgado lá no melhor estilo transmídia, em que temas em alta e perguntas no Twitter podem aparecer no produto externo. Em podcasts como o Magicast Brasil, que fala sobre o Orlando Magic, os apresentadores debatem movimentações para a equipe, o encaixe do elenco e diversos outros temas, trazendo parte dessas opiniões para a plataforma online. Como eles mesmos explicaram no primeiro post da conta, em julho de 2020: "Vamos fazer programas semanais sobre o time, analisar os jogos, comentar boatos, falar sobre draft, trocas e tudo que envolve o Magic."

É também válido notar que, muitas vezes, quem elabora coisas tão detalhadas marca outras contas da comunidade durante a divulgação dos conteúdos. Esses outros perfis podem ajudar compartilhando a produção para seus seguidores, aumentando a audiência de trabalhos que levaram tempo para serem desenvolvidos e seguindo a linha de camaradagem existente no nicho. Essa é uma forma bastante comum de ganhar atenção em meio a tantas contas diferentes e que às vezes acontece de forma orgânica, quando perfis maiores divulgam os menores.

Um último adendo a esse tópico é a presença de perfis verificados na comunidade. Falamos de dois, para sermos mais específicos: Orlando Magic Brasil e Raptors Brasil. O primeiro é a conta oficial da franquia em português, com ligação direta com os canais oficiais em inglês e que tem sido muito bem recebido pela comunidade, mesmo que a equipe não seja das maiores. A conta foi responsável pela doação de bolas de basquete para o projeto independente de Mattheus Gama em Porto Velho, Rondônia, além de organizar ações com os jogadores, como fotos do elenco com a bandeira do Brasil. Já o perfil Raptors Brasil não tem ligação oficial com a franquia, mas conseguiu o selo de verificação em julho de 2021, representando um momento marcante para a comunidade: seu tweet de comemoração teve quase cinco mil curtidas e 317 respostas parabenizando o administrador. Tudo isso demonstra de forma excelente o espírito de comunidade presente na chamada "NBAtt".

2 – PÁGINAS DEDICADAS À COBERTURA DA NBA EM GERAL

Além das páginas focadas em apenas um time, existem também as que cobrem a liga inteira e que, obviamente, realizam um trabalho ainda mais intenso ao ter que se atualizar sobre todas as 30 franquias. Essas são tam-

bém as contas que tendem a ter mais seguidores, já que têm muito mais opção de conteúdo, fazem mais posts e atraem a audiência de todas as torcidas – um torcedor do Los Angeles Lakers pode não querer seguir uma conta sobre o Los Angeles Clippers, mas não teria problema em seguir alguma que não foque exclusivamente no rival. Aqui, podemos citar diversos exemplos de ótimos e duradouros trabalhos: Camisa 23 (que começou como NBAdotBR, @camisa_23), Coast To Coast Brasil (@brasilcoast2), NBA do Povo (@NBAdoPovo), 4theWin (@_4thewin) e Esportes USA (@EsportesUSA_) são apenas alguns.

Nesses casos, há uma tendência ainda maior de profissionalização da criação de conteúdo: esses perfis normalmente também são movimentados em outras redes sociais, como Instagram e Facebook, possuem ou já possuíram sites para a publicação de notícias e análises, além da possibilidade de formação de equipes maiores para a manutenção das contas, dividindo as tarefas para que as responsabilidades fiquem mais gerenciáveis. Portais com mais foco na liga em geral também nascem devido à paixão pelo basquete e à vontade de ter um hobby relacionado a ele, mas tendem a ter uma aspiração jornalística maior desde o princípio.

"Eu criei a página porque sempre gostei muito de pesquisar e estudar sobre esportes. Gosto de criar conteúdo porque me permite transmitir o que eu gosto e levar certos pontos para mais pessoas através de opiniões publicadas, gravadas em podcasts e tudo mais. Isso me leva a pesquisar mais e entrar de cabeça em várias coisas, então a criação de conteúdo me faz bem", explica Gêra Lobo, dono do Esportes USA, que começou falando apenas sobre NBA em 2012, mas acabou expandindo para abordar também futebol americano, hóquei e beisebol. Ele também participa do 4theWin, projeto criado em 2018 por estudantes de jornalismo e que já chegou a contar com 12 membros no total.

Há algumas diferenças na forma de postagem dessas contas no Twitter quando comparadas aos perfis de times, mas que não as fazem necessariamente melhores ou piores, apenas diferentes: as coberturas de eventos e a reprodução de notícias. Em relação ao primeiro ponto, o fato é que é impossível cobrir em detalhes todas as partidas de uma noite (que pode chegar à casa das 10) simultaneamente, além de ser desgastante para os seguidores ler tweets mais irrelevantes para eles. Assim, a estratégia adotada por essas páginas é postar apenas vídeos de grandes jogadas à medida que elas acontecem, incorporando-os de postagens de contas oficiais da liga, por exemplo. Com o uso de legendas sensacionalistas, letras maiúsculas e *emojis*, esse conteúdo de "melhores momentos" é parte fundamental da atração da NBA nas redes sociais, como citado na primeira parte do livro.

"Postamos vídeos porque eles têm mais chance de viralizar, já que, geralmente, possuem no máximo 15 a 20 segundos. Assim, a pessoa vê e rapidamente já consegue compartilhar. Conteúdos rápidos de se consumir são ge-

ralmente aqueles que mais rendem em redes sociais com o Twitter e, por isso, essa estratégia é adotada pela maioria dos perfis. As legendas, muitas vezes com tom cômico, também contribuem para que as pessoas compartilhem. Quanto mais compartilhamentos, mais alcance e, assim, a página passa a crescer mais", explica Vitor Buratini, do Camisa 23.

O outro ponto se relaciona diretamente ao capítulo anterior: a reprodução de notícias dos jornalistas estadunidenses. Sendo praticamente impossível conseguir furos no Brasil – com exceção de alguns tópicos "extra-quadra", como os novos uniformes das equipes divulgados em primeira mão frequentemente pelo perfil Camisas da NBA (@camisasdanba) –, resta aos perfis replicar as informações que saem na mídia estadunidense traduzidas em português. Assim, contas que cobrem a liga em geral costumam ativar as notificações de repórteres como Adrian Wojnarowski e Shams Charania para receber seus tweets assim que publicados, permitindo-os a traduzir e postar para seus seguidores brasileiros com créditos ao jornalista o mais rápido possível. É, sem dúvidas, um trabalho que pode consumir bastante energia devido à necessidade de estar de olho na rede social em todos os momentos para não perder nada.

Tweets assim tendem a ser o ponto de partida para que fãs de basquete brasileiros opinem sobre a notícia, respondendo ou dando retweet com comentário no post em português. Isso gera tanto uma imagem de neutralidade da página em um primeiro momento (podendo até opinar em seguida à publicação da notícia em si) como uma maior aproximação entre a comunidade. Obviamente, isso não é tão observado em páginas dedicadas exclusivamente a um time, pois há uma frequência bem menor de notícias de última hora quando se retira 29 franquias.

Algo que também vale a pena ser destacado é que diversos perfis têm o hábito de legendar vídeos em inglês para seus seguidores. Como a barreira da língua é um dos grandes problemas que dificultam torcedores brasileiros de se aprofundarem mais no conhecimento da liga, a tradução de entrevistas permite a eles que conheçam seus jogadores favoritos e saibam do que estão falando. O 4theWin, por exemplo, ganhou popularidade em 2019 quando uma tradução da mensagem de Kareem Abdul-Jabbar para LeBron James recebeu mais de 400 curtidas – os membros da página perceberam que essa era uma forma de ganhar audiência. Diversas outras contas realizam trabalho semelhante, como o Camisa 23 e o Hoops Brasil, recebendo mensagens agradecendo a iniciativa.

Dessa forma, é muito interessante observar como o trabalho jornalístico moderno não se resume apenas aos repórteres propriamente ditos. As redes sociais realmente mudaram toda a dinâmica da indústria de informação, e analisar todas as nuances presentes nesse novo mundo é simultaneamente complicado e fascinante. Assim como a liga, o ramo da comunicação ao seu redor mudou, e é impossível negar que essas duas partes estão completamente entrelaçadas.

CONCLUSÃO

MUDANÇAS RADICAIS QUE VIERAM PARA FICAR

Como pôde ser visto nas duas partes deste livro, a organização da NBA e o jornalismo que cobre a liga sofreram transformações significativas nas últimas décadas em processos de modernização exemplar para suas respectivas áreas. Obviamente, mudanças sempre são esperadas com o passar dos anos, mas as diferenças entre passado e presente são notáveis.

A National Basketball Association, que já fora uma pequena liga com times em dificuldade financeira, escondida sob a sombra das outras organizações esportivas norte-americanas e que por muito tempo viveu com incertezas acerca de seu futuro, passou a ser um dos campeonatos mais assistidos do mundo. Se, nas décadas de 1960 e 1970, jogadores recebiam salários ínfimos, o público nas arenas não era dos melhores e havia uma "crise" no espetáculo televisivo, tudo mudou nas décadas seguintes graças a diversos fatores e agentes que, direta ou indiretamente interligados, fizeram a diferença.

Jogadores foram importantíssimos para transformações que melhoraram as condições dos atletas na liga, dando-lhes mais autonomia e mais segurança – a greve do All-Star Game de 1964 foi um passo fundamental para isso, assim como as ações judiciais lideradas por Oscar Robertson contra a fusão da NBA e da ABA. Obviamente, também foram fundamentais dentro de quadra ao se tornarem ícones geracionais repletos de talento, como Magic Johnson, Larry Bird e, especialmente, Michael Jordan, um dos primeiros basquetebolistas que milhões de pessoas ao redor do globo conheceram. No entanto, isso também só foi possível devido às estratégias de divulgação adotadas pela liga – com ênfase na trajetória de David Stern, mas também Adam Silver na última década –, aumentando a exposição desses atletas e tornando-os os rostos do esporte, elevando o nível do basquete internacional ao realizar torneios com equipes estrangeiras e liberar a participação de profissionais da NBA nas Olimpíadas a partir de 1992 etc.

Como consequência de todo esse processo, os jogadores se concretizaram como as verdadeiras estrelas do esporte dentro e fora de quadra, ainda mais depois da popularização das redes sociais que viraram plataformas próprias para que eles se expressem. Foi uma enorme expansão que aconteceu naturalmente, num período não tão curto, mas que se tornou exemplo de organização, de marketing e de espetáculo ao redor do globo.

Assim como a NBA se desenvolveu e se tornou um dos exemplos

na área, o jornalismo que cobre a liga também se tornou um modelo do que a prática moderna é. Além da ordem de desenvolvimento já conhecido (primeiro impresso e rádio, depois televisão, finalmente internet) na área, os repórteres observaram de perto todas as mudanças descritas nos parágrafos anteriores e foram até prejudicadas por algumas delas, como a diminuição do acesso aos jogadores à medida que eles viraram celebridades. Dessa forma, simultaneamente à metamorfose dos meios de comunicação, os profissionais de imprensa foram obrigados a mudar seus hábitos e sua prática jornalística para se adaptar às novas realidades da área.

Com isso, os textos detalhados e com toques de jornalismo literário deram espaço a um foco maior em *breaking news*, notícias de última hora publicadas rapidamente no Twitter e que são apenas complementadas nos outros meios para, finalmente, apresentar contextos maiores. Apesar de todo o debate sobre a ética dessa transformação, principalmente no duelo entre apuração correta e velocidade na publicação, é inegável que essa é a realidade do jornalismo esportivo na NBA (e outros nichos também já vivem tal situação) e deve se manter assim por algum tempo.

Finalmente, é interessantíssimo dar enfoque ao crescimento dos jornalistas como personalidades públicas, não mais meros portadores da notícia que pouco interessam aos leitores. Da mesma forma que as estrelas da NBA foram "desligadas" de suas equipes para receberem mais atenção – duelos entre atletas são divulgados como Curry x Doncic, não necessariamente Warriors x Mavericks –, repórteres agora são mais conhecidos pelo nome que pelas empresas pelas quais trabalham. Eles adquirem então uma base de seguidores fiel que, por seguir suas contas nas redes sociais, continuarão a acompanhar seu trabalho independente do veículo. Essa celebrização dos profissionais de imprensa, apesar de começar com a televisão, foi extremamente potencializada pelo jornalismo na internet.

Neste livro, discutimos as grandes mudanças de dois contextos extremamente interligados: a NBA e a prática jornalística sobre a liga. Com tantas transformações importantes nos últimos 30 ou 40 anos, é de se admirar toda a diferença existente ao comparar as realidades antigas e presentes. Assim, talvez a única dúvida que possa ficar no ar é: o que vem em seguida? Até descobrirmos, é interessante ficar de olho em todas as nuances discutidas neste trabalho e novas características que, sem sombra de dúvidas, surgirão no futuro.